

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA - PPGLL**

Miriam Pessôa Marques

**REPETIÇÃO E ENTONAÇÃO NO FUNCIONAMENTO DA RASURA ORAL: A
ESCRITA COLABORATIVA DE UMA DÉCADA DE ALUNAS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

MACEIÓ

2017

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA - PPGLL**

Miriam Pessôa Marques

**REPETIÇÃO E ENTONAÇÃO NO FUNCIONAMENTO DA RASURA ORAL: A
ESCRITA COLABORATIVA DE UMA DÍADE DE ALUNAS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação em Letras e Linguística, como requisito para obtenção do título de mestre em Linguística.

Orientadora: Prof. Dra. Sonia Cristina Simões Felipeto.

MACEIÓ

2017

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

M357r Marques, Míriam Pessôa.
Repetição e entonação no funcionamento da rasura oral: a escrita colaborativa de uma diáde de alunas do ensino fundamental / Míriam Pessôa Marques. – 2017.
221f. : il.

Orientadora: Sonia Cristina Simões Felipeto.

Dissertação (mestrado em Letras e Linguística : Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2017.

Bibliografia: f. 211-221.

1. Linguística. 2. Rasura oral – Repetição. 3. Escrita colaborativa. 4. Língua falada – Entonação. I. Título

CDU: 801

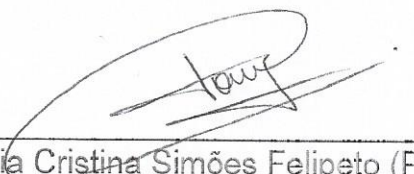
TERMO DE APROVAÇÃO

MÍRIAM PESSÔA MARQUES

Título do trabalho: "REPETIÇÃO E ENTONAÇÃO NO FUNCIONAMENTO DA RASURA ORAL: A escrita colaborativa de uma díade de alunas do ensino fundamental"

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRA em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:



Prof. Dra. Sonia Cristina Simões Felipeto (PPGLL/Ufal)

Examinadores:



Prof. Dr. Eduardo Calil de Oliveira (PPGLL/Ufal)



Prof. Dra. Adna de Almeida Lopes (PPGE/Ufal)

Maceió, 03 de março de 2017.

*À minha mãe,
minha fortaleza, meu aconchego,
minha entusiasta...*

AGRADECIMENTOS

Chegado este momento, não poderia deixar de partilhar minha alegria e gratidão com todos que de forma direta, ou indireta, impulsionaram-me a chegar até aqui e desejar ir além...

Agradeço a Deus, por seu infinito amor, por dizer sim aos meus sonhos e estar comigo em todos os percursos trilhados até chegar aqui;

À Professora Cristina Felipeto, por acreditar naquela menina da graduação que tinha o sonho de pesquisar. Sou grata pela partilha do tempo, do conhecimento das experiências durante esses quase cinco anos, uma vida! Obrigada pela delicadeza, paciência e generosidade, obrigada por me orientar.

Aos professores Adna Lopes e Eduardo Calil, por dividirem comigo seus conhecimentos e contribuírem, desde a qualificação, para a finalização desse trabalho. A eles, sou imensamente grata;

Aos meus pais, por sonharem comigo, por acreditarem em mim, por eu ser quem sou hoje. Obrigada por estarem sempre presentes em minha vida, pela escuta, pelas palavras motivadoras, pelo carinho e amor incondicional. A eles, meu amor e minha eterna gratidão;

Aos meus irmãos, Marcela e Matheus, pelo apoio, compreensão e ajuda durante esse percurso, por serem quem são e fazerem parte da minha vida;

Ao Douglas, pela paciência, escuta e conselhos. Por dividir comigo as alegrias, cansaços e lutas da vida acadêmica. Por, mesmo tão longe, estar sempre perto, sempre presente, por seu amor;

Aos amigos, pelos momentos em que dividimos alegrias, angústias, dúvidas, momentos que foram além da academia, para a vida;

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFAL, representado em todo seu corpo docente, por ter contribuído significativamente para minha formação intelectual, vou sempre carregar um pouco de cada professor e ensinamento comigo. À Ufal, minha segunda casa;

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas, FAPEAL, pelo apoio e fomento a essa pesquisa.

*A todos,
Minha gratidão.*

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo compreender o funcionamento da rasura oral através da repetição e da entonação quando uma díade de alunas recém-alfabetizadas escreve em colaboração um único texto. Nossa, nossa pesquisa se apoia nos estudos enunciativos propostos por Benveniste (1991; 2006), pela relação dialógica em que se encontram as alunas, e na Genética Textual, por se voltar para a análise do processo de escritura e não apenas para o produto final e por trazer conceitos essenciais para nosso trabalho, tais como os de rasura e manuscrito. Nossa unidade de análise é o Texto Dialogal (TD), estabelecido pela interação e pela fala espontânea dos alunos em dupla. Os TD são constituídos através dos objetos textuais (OT) identificados por um dos alunos durante o texto em curso. O *corpus* utilizado faz parte do banco de dados Prática de Textualização na Escola (PTE), pertencente ao Laboratório do Manuscrito Escolar (L'ÂME), e é constituído por filmagem, áudio, transcrição e o produto final de cada processo, o manuscrito. Para a presente pesquisa, foram analisados 18 processos de escritura, de uma díade de alunas com idade entre 7 e 8 anos, coletados nos anos de 1991 e 1992, durante o primeiro e segundo anos do Ensino Fundamental, respectivamente, em uma escola particular da cidade de São Paulo – SP. A partir das análises, observamos que o funcionamento da rasura oral ocorre pela união entre repetição e entonação, após a identificação do OT, uma vez que essa ação provoca no aluno um posicionamento que gera mudanças no percurso do texto. Além de ampliar os estudos sobre a rasura oral, elemento importante para compreender a gênese textual, nossa pesquisa contribui para os estudos da escrita colaborativa e da aprendizagem da produção textual.

PALAVRAS-CHAVE: Rasura Oral. Escrita Colaborativa. Entonação. Repetição.

RESUMEN

El presente trabajo tiene por objetivo comprender el funcionamiento de la borradura oral a través de la repetición y de la entonación cuando una pareja de alumnas nealfabetizadas escribe en colaboración un único texto. Insertada en el campo de la Lingüística Textual, nuestra investigación se basa en los estudios enunciativos propuestos por Benveniste (1991; 2006), por la relación dialógica en que se encuentran las alumnas, y en la Genética Textual, por volver para el análisis del proceso de escritura y no apenas para el producto final y por traer conceptos esenciales para nuestro trabajo, tales como los de borradura y manuscrito. Nuestra unidad de análisis es el Texto Dialogal (TD), establecido por la interacción y por el diálogo espontáneo de los alumnos en pareja. Los TD son constituidos a través de los objetos textuales (OT) identificados por uno de los alumnos durante el texto en curso. El corpus utilizado hace parte del banco de datos Prática de Textualização na Escola (PTE), perteneciente al Laboratório do Manuscrito Escolar (L'ÂME), y es constituido por rodaje, audio, transcripción y el producto final de cada proceso, el manuscrito. Para la presente investigación, fueron analizados 18 procesos de escritura, de una pareja de alumnas con edad entre 7 y 8 años, colectados en los años de 1991 y 1992, durante el primer y segundo años de la enseñanza básica, respectivamente, en una escuela particular de la ciudad de São Paulo – SP. A partir del análisis, observamos que el funcionamiento de la borradura oral ocurre por la unión entre repetición y entonación, después de la identificación del OT, una vez que esa acción provoca en el alumno un posicionamiento que genera cambios en la ruta del texto. Además de ampliar los estudios acerca de la borradura oral, elemento importante para comprender la génesis textual, nuestra investigación contribuye para los estudios de la escrita colaborativa y del aprendizaje de la producción textual.

PALABRAS-CLAVE: Borradura Oral. Escrita Colaborativa. Entonación. Repetición.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1. Linguística da Enunciação e Crítica Genética	10
1.1 Linguística da Enunciação: uma introdução à área.....	11
1.1.1 A enunciação proposta por Benveniste.....	13
1.3 A Crítica Genética na investigação do processo de escritura.....	19
2. Repetição, Prosódia e Entonação.....	25
2.1 A repetição e seu papel na escrita a dois.....	26
2.2 A prosódia em questão.....	29
2.2.1 Prosódia x Suprasegmento.....	32
2.2.2 Características da Prosódia.....	35
2.3 A entonação e suas funções.....	36
2.4 A entonação expressiva em Bakhtin.....	40
3. Rasura oral e escrita colaborativa: um elo essencial.....	43
3.1 A rasura oral no processo de escrita colaborativa.....	44
3.2 A escrita colaborativa	48
4. Uma metodologia para analisar o processo de escrita a dois.....	53
4.1 Metodologia.....	53
4.1.1 O <i>corpus</i>	53
4.1.2 Procedimento de coleta e tratamento dos dados.....	53
5. Dialogando com os dados.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS.....	70

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por questão norteadora a compreensão do funcionamento da rasura oral, na escrita colaborativa, por meio de dois elementos: a repetição e a entonação. Essa questão teve origem ainda na graduação através da iniciação científica, quando tentávamos compreender o funcionamento da rasura oral. Inicialmente, acreditávamos que esse fenômeno estava diretamente ligado à entonação, porém, ao avançarmos nas análises dos processos de escritura das alunas, percebemos que a entonação por si só não é capaz de produzir rasuras e que, junto com a entonação, havia a repetição lexical de uma palavra, ou frase, enunciada anteriormente. A partir dessa descoberta, decidimos aprofundar nossos estudos e compreender a relação entre repetição e entonação e como esses dois elementos afetam diretamente o funcionamento da rasura oral.

Durante a investigação, observamos que a repetição lexical é um elemento que está presente em todos os fragmentos em que identificamos rasuras orais, porém não se trata de repetições tautológicas, embora os termos repetidos sejam idênticos aos que foram enunciados anteriormente, pois essas repetições carregam intenções dos alunos. Como aponta Marcuschi (2015), as repetições podem apresentar uma nova informação, pois o tempo e o espaço em que ocorrem é outro. Assim, o autor classifica as repetições em dois grupos, as autorrepetições, quando o falante repete partes do seu próprio discurso, e heterorrepetições, quando o falante repete parte do discurso do outro. Nos nossos dados prevalecem as heterorrepetições.

Além das repetições, outro elemento está presente no funcionamento da rasura oral: a entonação. Autores como Aguiar & Medeiro (2007), Barbosa (2010, 2012), Cagliari (1992), Couper-Kuhlen (1986), entre outros, apontam que a entonação é um elemento importante e que está sempre presente no diálogo e, além de ser responsável pela correta acentuação das palavras, ela também tem como função expressar, entre outras, atitudes, intenções, emoções dos falantes. Desse modo, de acordo com Marcuschi (2015), muitas vezes o locutor, além de utilizar a função expressiva da entonação, adiciona a repetição com o intuito de enfatizar o seu discurso, fazendo com que, ao ouvir a mensagem, o interlocutor seja levado a tomar uma atitude em relação ao que foi enunciado, fato que observamos em todos os Textos dialogais (TD) em que há incidência de rasuras orais geradas pela união da repetição e da entonação.

Assim, para dar conta da questão norteadora, o presente trabalho está dividido em cinco capítulos. No primeiro, apresentamos as bases teóricas recorrendo aos aportes da teoria enunciativa de Benveniste, pois, ao tratar de um processo de escritura capturado em tempo real, faz-se necessário uma teoria que discuta sobre o ato enunciativo e aponte a importância do tempo e do espaço na relação que se estabelece quando dois sujeitos interagem por meio da linguagem. Para tanto, iniciamos nossa discussão com uma introdução à Linguística da Enunciação, uma vez que fazemos uso dos aportes teóricos que se enquadram em seus estudos. Após a discussão, discorreremos sobre Benveniste e suas contribuições para os estudos enunciativos, apresentando os principais conceitos de sua teoria, como a concepção de sujeito e os elementos que são a base do ato enunciativo: *eu*, *tu* e *ele*. Além disso, recorreremos às contribuições de Silva (2007) para tratar sobre a irrepetibilidade do ato enunciativo, uma vez que ele é sempre único, sendo esta ação diretamente influenciada pelo tempo e o espaço em que se encontram os sujeitos. Assim, quando falamos em repetição, estamos falando do ponto de vista lexical: as palavras se repetem, mas o ato enunciativo é sempre único, os termos repetidos estão impregnados por outros sentidos.

Ainda no mesmo capítulo, apresentamos a Crítica Genética (GRÉSILLON, 2007; BIASI, 2010) e suas contribuições para nossa investigação, uma vez que ela apresenta um dossiê importante acerca da gênese da criação de um texto e dos elementos que nos fornecem as pistas para compreender a “origem da criação”: o manuscrito e a rasura. É interessante apontar que, para compreender a gênese, a Crítica Genética foi a primeira a voltar suas análises para o processo e não apenas para o produto final, ação que incorporamos à nossa investigação. Em se tratando de nomenclatura, vale ressaltar que o termo Crítica Genética remete mais à literatura e seus estudos se debruçam sobretudo sobre o texto literário. Assim, à medida que seus métodos de análise despertaram o interesse de pesquisadores de outras áreas do conhecimento (como a Linguística), sentiu-se a necessidade de um termo mais abrangente, chegando ao que utilizamos atualmente em nossos trabalhos, Genética Textual (GT), questão que explicamos com mais detalhes no decorrer do capítulo.

No segundo capítulo, debruçamo-nos sobre a repetição e a entonação. Iniciamos a discussão debatendo sobre o conceito de repetição com base em Koch (2002), Marcuschi (2015) e Ramos (1983) apresentando os tipos e funções da repetição no discurso. Como apontam os autores, as repetições têm um papel essencial durante a enunciação, e isso pode ser evidenciado através dos exemplos retirados do nosso *corpus* e demonstrados ao longo da discussão. Em seguida, discorreremos sobre a entonação, com base nos autores já citados,

realizando um percurso histórico e mostrando os avanços de seus estudos ao longo do tempo e suas principais correntes teóricas. Além disso, apontamos as características e funções da entonação. Desse modo, a partir das análises, observamos que a função expressiva da entonação prevalece em nossos dados, ela é responsável, junto com a repetição, por provocar, quando indagadas, posicionamentos nas alunas que, por sua vez, contribuem para o surgimento de rasuras orais.

No terceiro capítulo, discutimos sobre a rasura oral, conceito essencial para a nossa pesquisa, utilizando como base os trabalhos desenvolvidos por Calil (2008, 2012, 2016), Calil & Felipeto (2000), Felipeto (2008). Ademais, demonstramos que a repetição e a entonação têm relação direta com o funcionamento da rasura oral, fato que pode ser observado com mais profundidade na análise dos dados. Além disso, discorremos sobre a escrita colaborativa, uma vez que não poderíamos observar a rasura oral numa escrita individual, silenciosa. Para tanto, recorremos aos estudos de Barbeiro (2007), Barbeiro & Pereira (2007), Storch & Wigglesworth (2009), entre outros, para tratar acerca do trabalho em pares e seus efeitos no aprendizado dos alunos, evidenciando a importância da interação entre os sujeitos envolvidos na tarefa de escrever em conjunto um único texto.

No quarto capítulo, apresentamos a metodologia de coleta e análise dos dados. No que se refere à metodologia de coleta, é interessante destacar que o processo de escritura só pode ser capturado através de um método que foi constituído ao longo dos anos, que envolve além das crianças em díades discutindo e escrevendo um único texto, todo um aparato tecnológico, como câmeras, gravadores e áudios, que são sincronizados ao final de cada processo. Além disso, contamos com as transcrições e os produtos finais, os manuscritos. Tudo isso nos proporciona informações mais fidedignas acerca de todo o processo que envolve o ato de escrever, facilitando o trabalho do investigador e contribuindo para o avanço de pesquisas que se dedicam a investigar o processo de escritura. É interessante destacar que, para a análise, só consideramos as rasuras orais geradas sem a enunciação da palavra “não”, pois esta palavra por si só já marca um apagamento, o que desfiguraria o objetivo principal deste trabalho.

Para a pesquisa, utilizamos o *corpus* Nara e Isabel, coletado nos anos 1991 e 1992, durante o primeiro e segundo ano do Ensino Fundamental, na Escola da Vila, na cidade de São Paulo-SP. Analisamos 18 processos, em que as alunas discutem e escrevem juntas uma história inventada. Vale ressaltar que, em cada processo, um aluno fica responsável por escrever e o outro ditar e que esses papéis são alternados ao longo da coleta, porém, no caso

específico do nosso trabalho, Isabel, por ter mais conhecimento em relação à escrita, acaba escrevendo mais que Nara. Todo esse material faz parte do banco de dados Prática de Textualização na Escola (PTE) pertencente ao Laboratório do Manuscrito Escolar (L'ÂME), ambos coordenados pelo pesquisador Eduardo Calil (CEDU/PPGE/Pesquisador CNPq).

No quinto e último capítulo, apresentamos os textos dialogais (TD) e discutimos, com base nas teorias expostas ao longo dos capítulos anteriores, sobre o funcionamento da rasura oral e como a repetição e a entonação estão relacionadas ao seu surgimento. Ademais, evidenciamos que, quando se trata de um processo de escritura a dois, em que a situação é capturada em tempo real, as rasuras não podem se limitar à folha de papel, elas também ocorrem na oralidade. Assim, nem sempre o que é rasurado oralmente se apresenta como marca no manuscrito, fato que demonstramos nas análises através do TD e do manuscrito final do processo.

Através do presente trabalho, buscamos expandir os estudos sobre a escrita colaborativa e o processo de escritura, evidenciando que quando se escreve a dois, muitos fenômenos emergem, apontando a complexidade existente no ato de escrever. No que se refere ao problema norteador, a nossa pesquisa busca entender o funcionamento da rasura oral, demonstrando que ela é um elemento que faz parte do processo de escritura a dois e que deve ser discutida, uma vez que ao entrar em cena, ela pode instaurar tensões que repercutem no percurso do texto, no que vai para a folha de papel. Ainda, esperamos instigar outros pesquisadores, pois a escrita é uma atividade enigmática que guarda em si uma série de fenômenos que devem ser desbravados, possibilitando, também, o aprimoramento do ensino da escrita e da produção de texto em sala de aula.

CAPÍTULO 1

Linguística da Enunciação e Crítica Genética

*Ninguém entra no mesmo rio uma segunda vez,
pois quando isso acontece já não se é o mesmo;
assim como as águas, que já serão outras...
(Heráclito de Éfeso)*

No presente capítulo iremos nos debruçar sobre a Linguística da Enunciação e a Crítica Genética. No que se refere à primeira, apresentaremos inicialmente uma breve discussão sobre a área em geral (BARBISAN & FLORES, 2009; FLORES 2010; FLORES & TEIXEIRA, 2013) e, em seguida, abordaremos os trabalhos realizados por Benveniste (1991; 2006), visto que esses estudos nos fornecem subsídios interessantes para discutirmos a situação dialográfica¹ em que se encontram os alunos (juntos discutindo e escrevendo um mesmo texto). No que se refere à Crítica Genética (BIASI, 2010; GRÉSILLON, 2007) ou Genética Textual, como é preferível (os termos serão explicados ao longo do trabalho), discutiremos sobre os conceitos essenciais para o nosso estudo, rasura e manuscrito. Ademais, os estudos da área são essenciais para debatermos questões relacionadas à gênese textual.

O motivo pelo qual escolhemos a teoria enunciativa de Benveniste está relacionado à noção de sujeito revelada em seus trabalhos. Mesmo sabendo que Benveniste não tinha a intenção de construir uma teoria do sujeito, ao propor a concepção de subjetividade, o sujeito se tornou o núcleo de sua teoria. Além disso, a situação didática em que se encontram os alunos, escrevendo colaborativamente um único texto, exige uma teoria que dê conta das relações que se estabelecem durante a escritura, as trocas de posição, as tentativas de influenciar um ao outro, etc., e os trabalhos de Benveniste nos fornecem um material importante para compreendermos essas situações e avançarmos em nossos estudos sobre a escrita a dois. A Crítica Genética, por outro lado, é essencial para discutirmos conceitos de base como rasura, manuscrito e processo, visto que esses três elementos são a chave de nossa investigação, e a partir deles é que podemos entender que existem diversos fenômenos envolvidos no ato de escrever, apontando para a complexidade que envolve essa atividade. Ademais, os trabalhos dessa área discutem questões pertinentes em relação à

¹ A palavra dialográfica, proposta por Gaulmyn (2001), corresponde ao ato de falar para escrever, ação que é a base da escrita colaborativa.

gênese do texto, pois os críticos genéticos foram os primeiros a tentar investigar a origem e o percurso do texto através das marcas deixadas pelos escritores na folha de papel.

No primeiro tópico do presente capítulo iremos nos debruçar sobre a Linguística da Enunciação, uma vez que não poderíamos mencionar seu aporte teórico sem antes fazermos uma introdução, ainda que breve, ao seu surgimento e suas contribuições para os estudos linguísticos.

1.1 Linguística da Enunciação, uma introdução à área

A Linguística da Enunciação foi desenvolvida em grande parte na França e consiste em várias teorias, surgidas em períodos distintos, que apresentam propriedades comuns. Porém, o fato dessas teorias apresentarem algumas características semelhantes não significa que sempre houve um consenso entre os linguistas, fato que foi relatado pelo próprio Benveniste, em uma de suas exposições. Esse desacordo se dava pelo fato de muitos não admitirem como linguísticos os estudos sobre o sentido na linguagem (BARBISAN & FLORES, 2009). Apesar dessas questões, Barbisan e Flores (2009, p. 5) apontam que “várias teorias surgiram no cenário da linguística francesa, tendo como traço comum diferentes leituras do espaço sugerido por Saussure ao tratar de uma linguística da fala”. De fato, ao pesquisarmos algumas das teorias enunciativas, percebemos que elas se relacionam umas com as outras justamente a partir dos conceitos de língua e fala discutidos por Saussure.

É interessante atentarmos para o fato de que, embora o “fio” que une as várias teorias enunciativas seja os conceitos de língua e fala, não significa que esses estudos corroboram a mesma ideia estruturalista. É o que ocorre com os trabalhos de Benveniste (reunidos nos PLG I e PLG II), em que o autor, a partir da análise da língua enquanto forma, confere lugar privilegiado ao sentido, por exemplo. Sobre os trabalhos de Benveniste, Barbisan e Flores (2009) afirmam que

É em 1970, no texto em que trata do aparelho formal da enunciação, que Benveniste mostra que o emprego da língua é um mecanismo relativo a toda a língua por meio da enunciação, da qual o discurso é uma manifestação. A enunciação é o ato de produzir um enunciado. A língua é o instrumento de que se utiliza o locutor para se enunciar e produzir discurso. Pela enunciação, processo de apropriação, a língua converte-se em discurso: o locutor apropria-se do aparelho formal da língua e se enuncia. Pela apropriação da língua, o locutor se estabelece em seu discurso, e instaura o

interlocutor, o espaço e o tempo. Com a noção de enunciação, Benveniste articula forma e sentido, fazendo coexistir o semiótico e o semântico. (p. 5).²

Como podemos perceber, em alguns trabalhos há a necessidade de ir além para explicar os fenômenos da enunciação, seja por uma questão de desacordo ou pela necessidade de ampliar os conceitos, fato que dependerá do linguista em questão. O que nos importa aqui é compreender que, embora partam de um mesmo ponto, ou tenham características em comum, há muitas questões que ainda não foram esclarecidas, fazendo com que a Linguística da Enunciação seja um campo que ainda sofre muita confusão teórico-metodológica. Como mostram Flores e Teixeira (2013), a Linguística é um campo que ainda apresenta muita oscilação em termos como *enunciado*, *enunciação*, entre outros, de forma que há distinção inclusive por parte de teóricos que partilham da mesma linha de pesquisa. A Linguística da Enunciação não consegue fugir disso.

Atualmente, percebem-se duas atitudes dos estudiosos em relação ao tratamento enunciativo da linguagem: o mero “registro histórico” e a “apropriação” do aparato metodológico das teorias da enunciação. Em geral, no que se refere à primeira atitude, é necessário salientar que o objetivo das teorias da enunciação é estudar as marcas deixadas pelo sujeito no enunciado e não o próprio sujeito (FLORES & TEIXEIRA, 2013). Essa confusão muitas vezes ocorre porque nos textos que abordam o tema aparecem termos como sujeito e subjetividade. Porém, esses termos não estão relacionados a questões psicológicas, o que se busca nas teorias da enunciação é o sentido. Em se tratando do conceito de enunciação, Flores e Teixeira afirmam que

Com ele, consolida-se o estudo que busca evidenciar as relações da língua não apenas como sistema combinatório, mas como linguagem assumida por um sujeito. As marcas da enunciação no enunciado têm a especificidade de remeter à instância em que tais enunciados são produzidos, fazendo irromper o sujeito da enunciação (2013, p. 12).

Voltando para a Linguística, do ponto de vista epistemológico, percebemos que foram formados dois grupos, resultado do debate relacionado à Linguística e seu estatuto de ciência, questão que resultou numa série de métodos e objetos que levam seus pesquisadores a assumirem uma visão sensível aos mecanismos inerentes à língua. A partir disso, temos um primeiro grupo que enfatiza um estudo do fenômeno em nível *stricto sensue* em um segundo grupo, caracterizado por um debate epistemológico permanente, suscetível à constituição heterogênea da língua, potencializando o estudo do fenômeno em nível *lato sensu* (FLORES

²Outras teorias apresentam alterações dos conceitos estruturalistas, seja pelo fato de discordar ou pela necessidade de ir além do que Saussure deixou, porém, aqui, detemo-nos apenas à teoria de Benveniste para exemplificar.

& TEIXEIRA, 2013). Desse modo, ainda de acordo com os autores, a Linguística da Enunciação se insere no segundo grupo, pelo fato de incluir “no objeto da linguística questões como subjetividade, referência, dêixis, contexto, modalização, entre outras, é concebê-lo como heterogeneamente constituído” (p.12). A partir disso, percebemos que a Linguística da Enunciação tem um longo caminho a ser percorrido, “[...] devendo ser entendida como um ponto de chegada para onde convergem diferentes teorias [...] a nomeação do múltiplo, não do unívoco” (FLORES & TEIXEIRA, 2013, p. 109).

Em se tratando dos estudos enunciativos, percebemos que o enfoque não é apenas a língua e seu sistema abstrato, mas, além disso, a “língua em ação” (SILVA, 2007, p. 130). Essa questão é evidenciada na teoria de Benveniste (1991; 2006), em que o linguista aponta que a linguagem é uma atividade dialógica, estabelecida através do ato de se comunicar/relacionar com o outro. E vai além, segundo o autor, “a linguagem é para o homem um meio, na verdade, o único meio de atingir o outro homem, de lhe transmitir e de receber dele uma mensagem. Conseqüentemente, a linguagem exige e pressupõe o outro” (2006, p. 93). Com isso, “interessa para o autor tratar da linguagem como lugar que comporta os sujeitos e a língua, já que tais elementos estão envolvidos na estrutura da enunciação” (SILVA, 2007, p. 130), por esse motivo buscamos apoio na teoria de Benveniste para explicar os dados que apresentaremos neste trabalho em que buscamos compreender um fenômeno que surge a partir de atos enunciativos. No próximo tópico, discutiremos acerca da teoria proposta por Benveniste e como ela é aplicada aos dados singulares que são apresentados em nossa pesquisa.

1.1.1A enunciação proposta por Benveniste

De acordo com Flores e Teixeira (2013), a partir do quadro teórico saussuriano, Benveniste pode ter sido o primeiro linguista a elaborar um modelo de análise da língua voltado, propriamente, à enunciação. Ele ocupa um lugar muito importante no contexto histórico de suas reflexões, além de ser dono de uma vasta produção, sendo listadas 18 obras, 291 artigos, 300 resenhas e 34 comunicações na Société Linguistique de Paris (FLORES, 2013).

Como já foi mencionado, a Linguística da Enunciação sempre foi tratada com “desconfiança” e foi nesse ambiente adverso que Benveniste propôs os estudos da enunciação e, através deles, os estudos da subjetividade, mantendo-se fiel ao pensamento saussuriano por

um lado e tratando sobre enunciação por outro. Benveniste acaba supondo sujeito e estrutura articulados (FLORES & TEIXEIRA, 2013), ou seja, o aliciamento do sujeito na linguagem, questão que não era uma preocupação da linguística. Assim, esse fato torna sua teoria ainda mais interessante e inovadora. Contudo, ler e compreender a obra desse autor não é uma tarefa simples, uma vez que ele não teve a pretensão de propor uma teoria enunciativa, como costumamos pensar. Portanto, a teoria da enunciação que atribuímos a Benveniste é fruto de uma leitura posterior de suas obras, que, diga-se de passagem, não podem ser compreendidas como contemporâneas umas das outras (FLORES, 2010).

Para entrarmos, de fato, na discussão acerca da teoria de Benveniste, relacionando-a com a nossa investigação, é interessante compreender e fazer a distinção entre dois conceitos que são facilmente confundidos: os termos sujeito e locutor. Esses conceitos podem nos remeter a um único objeto, agindo como sinônimos, porém, na teoria benvenistiana, fica claro que há uma distinção entre as duas palavras. E essa distinção é importante para compreendermos o conceito de subjetividade, que aparece com tanta frequência, e que é facilmente confundido. Benveniste (1991), afirma que subjetividade é a capacidade do locutor de se propor como sujeito. A partir dessa informação, Flores (2013, p.99) aponta que “se o locutor se propõe como sujeito, não se pode dizer que o sujeito está na origem do que é dito[...] há uma passagem de locutor a sujeito”, uma vez que a origem deve ser direcionada ao locutor. Nas palavras de Benveniste (1991, p. 288), “é na instância de discurso na qual *eu* designa o locutor que este se enuncia como ‘sujeito’. É, portanto, verdade ao pé da letra que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua”.

A partir disso, podemos compartilhar do pensamento de Silva, quando a autora afirma que o elemento delimitador da Linguística da Enunciação é o sujeito.

Na Linguística da Enunciação, a abordagem do objeto com o sujeito nele incluído não permite falar de repetição e de homogeneização dos dizeres, já que cada enunciação é sempre única e irrepitível: cada vez que a língua é enunciada o tempo é o *agora*, o espaço é o *aqui* e as pessoas são o *eu* e o *tu* sempre únicos (2007, p. 140).

Sobre a questão do tempo, do espaço e das pessoas (*eu-tu*), podemos observar essa relação no *corpus* do nosso estudo, pois estudamos e analisamos dados em que os alunos estão, em pares, combinando e escrevendo a dois um único texto, de maneira que, falar para escrever, em contexto escolar, caracteriza uma situação diferente, por um lado, daquela que se escreve sozinho e, por outro, daquela que ocorre entre interlocutores em uma situação cotidiana de conversação. Assim, na metodologia utilizada nos trabalhos com escrita

colaborativa, uma atividade escolar é proposta e os alunos devem cumpri-la. Desse modo, a escrita colaborativa e inventiva em sala de aula é, assim, uma situação didática com uma tarefa bem definida que coloca dois alunos em situação dialográfica (FELIPETO, 2008), o que faz com a teoria da enunciação tratada por Benveniste (1991; 2006) nos forneça ferramentas importantes para discutirmos os fenômenos que emergem durante o processo, como a troca de posição dos sujeitos, por exemplo.

Durante o processo de discussão sobre o que escrever (o que vai para o papel), os alunos acabam se apropriando de determinados artifícios linguísticos com a intenção de causar um efeito no outro. Em nossa investigação, esse fenômeno pode ser percebido através da repetição e da entonação, elementos investigados no processo de funcionamento da rasura oral (tal conceito é o ponto chave da nossa pesquisa e será explicado detalhadamente no capítulo 3 do presente trabalho). Durante o processo de composição do texto, alguns enunciados provocam determinadas atitudes (insatisfação, dúvida, etc.) que fazem com que os alunos se utilizem da repetição lexical, aliada a uma entonação expressiva, para obter do outro, interlocutor, determinado posicionamento. A repetição pode ser da frase inteira, ou de apenas uma palavra, porém o que fica evidente é que o que foi repetido não é a mesma coisa, retomando a epígrafe deste capítulo, *“ninguém entra no mesmo rio uma segunda vez, pois quando isso acontece já não se é o mesmo; assim como as águas, que já serão outras”*. Portanto, quando o aluno repete, a sua repetição está carregada de uma intenção, a repetição, aqui, não é tautológica³. Vejamos um exemplo retirado do *corpus*:

TD_ 9º processo (manuscrito “Capitão feio contra-ataca”) – 09/04/92

312 NARA: "- e a Moniqueia..."

313 ISABEL: "- ...escreve isso só."

314 NARA: "- ...o Cebolinha a Mônica...a Mônica o Cebolinha... a Mônica né?"

315 ISABEL: "- É. A Mônica o Cebolinha u Chaveco u Cascão tavam brincando e **um dia** u Capitão foi..."

316 NARA: "- Um dia⁴?"

³ Como já foi mencionado, o ato enunciativo é sempre único, assim, quando nos referimos à repetição estamos falando em termos lexicais.

⁴ Os números ao lado dos nomes indicam o turno recortado da transcrição. As partes com duplo sublinhado (u) se referem à acentuação da entonação.

317 ISABEL:"- Não vai. A Mônica... escreve Nara."

Como pode ser observado, a repetição das palavras “*um dia*”, realizada por Nara (a partir da identificação do OT “*um dia*” enunciado anteriormente por Isabel no turno 315), provoca uma reflexão em Isabel, que, em seguida, acaba substituindo os vocábulos (realizando uma rasura oral). Embora o termo repetido estruturalmente seja o mesmo, a entonação utilizada o diferencia do que foi enunciado primeiro, possibilitando-nos a percepção da relação *entretempo*, *espaço* e o *eu* e o *tu*. Silva (2007) ao tratar sobre a irrepetibilidade da cena enunciativa nos ajuda a compreender que, de fato, a cena já não é a mesma, trata-se de outro momento.

[...] Porque, a cada vez que a língua é enunciada, o sujeito faz escolhas particulares para aquele acontecimento. Tal fato acarreta um estudo das formas vinculado essencialmente a um sentido sempre particular, traçando a relação da referência ao sujeito que enuncia (SILVA, 2007, p. 142).

Assim, o *eu* que enunciou primeiramente “*um dia*” (Isabel), torna-se *tu* na alocação de Nara, que por sua vez assume posição de *eu*, retomando, repetindo o enunciado de Isabel com a intenção de questioná-la, para exigir dela um posicionamento. A partir desse exemplo podemos, também, evidenciar a rasura oral, a partir do apagamento de “*um dia*” que Isabel acaba realizando, uma vez que esse tipo de rasura só ocorre no aqui e agora, a partir da relação *eu-tu*.

Desse modo, devido à metodologia empregada na coleta dos nossos dados, como já foi mencionada na introdução do nosso trabalho, iremos nos deter ao aporte teórico de Émile Benveniste (1991; 2006), pois a teoria do linguista francês melhor explica os fenômenos capturados durante o processo de colaboração, pois, como aponta Flores e Teixeira (2013, p. 35), referindo-se a Benveniste, “a sua teoria da enunciação não fala do sujeito em si, mas da representação linguística que a enunciação oferece dele”.

De acordo com Benveniste (1991) o ato enunciativo está sustentado por três elementos fundamentais: *eu*, *tu* e *ele*, essas três formas pronominais. Desse modo, em se tratando do homem na língua, pode-se dizer que há sempre um *eu* que fala com um *tu* sobre algo, ou alguma coisa, o *ele* (as três pessoas: a que fala, aquela com quem se fala e aquela de quem se fala). É interessante salientar que Benveniste parte da questão, que herdamos a partir da classificação da gramática grega, de que há sempre três pessoas, e é a essa evidência que Benveniste vai questionar em seus estudos, pois como ele mesmo afirma:

Essas denominações não nos informam nem sobre a necessidade da categoria, nem sobre o conteúdo que ela implica nem sobre as relações que reúnem as diferentes pessoas. É preciso, portanto, procurar saber como cada

pessoa se opõe ao conjunto das outras e sobre que princípio se funda a sua oposição, uma vez que não podemos atingi-las a não ser pelo que as diferencia (1991, p. 248).

Partindo da gramática árabe, o linguista percebe e aponta a disparidade que existe entre as duas primeiras pessoas (*eu-tu*) e a terceira (*ele*). Como aponta Benveniste (1991), na gramática árabe, a primeira pessoa é *aquela que fala*, a segunda *aquela com quem falamos*, porém a terceira pessoa é *aquela que está ausente*. A partir disso, o autor percebe que elas não são homogêneas, estando *eu* e *tu* em um mesmo conjunto, a categoria de pessoa, enquanto que o *ele* integra um conjunto isolado, a categoria de não pessoa. O *eu* determina aquele que fala e ao mesmo tempo designa o *tu*, essas posições podem variar no momento da enunciação, o *eu* pode se tornar *tu*, e vice-versa, *eu* e *tu* são sempre únicos, não se restringindo a formas, mas a posições na linguagem. No caso específico do *ele*, esse processo não ocorre, pois, mesmo que o *ele* esteja se referindo a uma pessoa, ou coisa, ele não está relacionado a uma pessoa específica, sendo assim a forma não pessoal da flexão verbal. Além disso, o *ele*, diferente do *eu* e do *tu*, pode ser uma infinidade de sujeitos. Neste momento, podemos ressaltar a importância dos nossos dados, pois eles comportam os processos e nos permitem evidenciar a relação *eu-tu*, o que jamais poderia ser contraído em um processo individual. Além disso, o *ele* (não pessoa) também está presente, pois, em um diálogo, aquilo que é discutido, externalizado através da linguagem pelo locutor é considerado o *ele* dessa relação. Em outras palavras, o *ele* é a discussão, aquilo de que se fala.

A partir do que foi discutido por Benveniste, é interessante acrescentar que, embora *eu* e *tu* sejam caracterizados como pessoa, eles são distintos. De acordo com Flores e Teixeira (2013, p. 32), “com Benveniste, a categoria de pessoa adquire outro estatuto, porque não basta defini-la em termos de presença/ausência do traço de pessoalidade, mas é necessário concebê-la em termos de subjetividade”. A dupla *eu-tu* faz parte do nível pragmático da linguagem, referindo-se a realidades diferentes cada vez que enunciados, já o *ele* faz parte do nível sintático, uma vez que se combina com a menção objetiva de maneira independente da intensidade enunciativa que a contém (FLORES & TEIXEIRA, 2013). Assim, no que se refere à correlação de pessoalidade, temos o *eu-tu* que são caracterizados como pessoa, porém esse estatuto não os torna idênticos, eles também se diferenciam, uma vez que o *eu* diz respeito à pessoa subjetiva, enquanto o *tu* diz respeito à pessoa não subjetiva (BENVENISTE, 1991), e tudo se constitui a partir do *eu*.

Em um dos textos mais famosos de Benveniste, *da subjetividade na linguagem* (1958), o autor apresenta uma discussão importante acerca da relação entre homem e

linguagem, vinculando-os. O autor deixa claro que a linguagem não pode ser reduzida a um simples instrumento de comunicação, uma vez que, ao fazermos essa redução, estaríamos opondo o homem a sua própria natureza (BENVENISTE, 1991). É o que pode ser depreendido da passagem abaixo:

Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem (BENVENISTE, 1991, 285).

Flores (2013) menciona que poderíamos dizer que o homem se constitui enquanto sujeito na linguagem e através dela, pois, como afirma Benveniste: “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamentada na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (FLORES, 2013, p. 286). É interessante salientar que o conceito de ego, mencionado pelo linguista, está relacionado ao *eu* de sua teoria, não havendo, portanto, nenhuma relação com o conceito apresentado na psicologia, em que o “ego” se refere a um constituinte psicológico da personalidade. Essa discussão ressalta a importância de trazermos, para os estudos sobre a rasura oral, uma teoria da enunciação que nos ajude a compreender os fenômenos apresentados durante o processo de escritura, que fazem com que o texto percorra caminhos imprevisíveis, uma vez que tudo se dá na e pela linguagem.

Além disso, a teoria de Benveniste nos permite compreender outras questões que também estão presentes no processo de escritura, o próprio discurso. O autor apresenta uma definição interessante e que pode ser observada nos nossos dados, uma vez que discurso se refere a “toda enunciação que suponha um locutor e um ouvinte e, no primeiro, a intenção de influenciar, de algum modo, o outro” (BENVENISTE, 1991, p. 267). Essa afirmação é importante para a nossa pesquisa, pois, como tivemos a oportunidade de observar no exemplo, quando o aluno (locutor) provoca no outro (interlocutor) uma atitude que, conseqüentemente, gera uma rasura oral no processo de escrita colaborativa, ele está justamente apresentando a sua intenção a partir de artifícios que estão presentes na linguagem, como a repetição e a entonação, por exemplo. No caso específico da repetição, Benveniste (2006), ao tratar sobre a universalidade da experiência humana na linguagem, apresenta-nos uma afirmação interessante e que contribui de forma significativa para o entendimento do funcionamento da rasura oral a partir da repetição. O autor afirma:

Uma dialética singular é a mola desta subjetividade. A língua provê os falantes de um mesmo sistema de referências pessoais de que cada um se

apropria pelo ato de linguagem e que, em cada instância de seu emprego, assim que é assumido por seu enunciador, se torna único e sem igual, não podendo realizar-se duas vezes da mesma maneira (BENVENISTE, 2006, p. 69).

Assim, quando o aluno repete o que outro havia dito, ele está se singularizando, os termos repetidos carregam outros sentidos, como afirma Flores (2013), “apesar da identidade da forma (isto é, apesar de as formas serem iguais) há a singularidade de cada um” (p. 108). Assim, a teoria de Benveniste toca em vários pontos importantes dos nossos dados, dando-nos subsídios para sua compreensão e análise.

No próximo tópico, discutiremos sobre a Crítica Genética, área que nos permitiu olhar para o processo de composição de um texto e verificar as múltiplas possibilidades de percurso, ou seja, embora o texto seja pensado, durante o processo de escritura, o autor pode percorrer caminhos imprevisíveis, mostrando-nos que o fato de existir um planejamento não torna a história inalterável. Há mais questões envolvendo a escrita do que podemos imaginar.

1.2 A Crítica Genética na investigação do processo de escritura

No primeiro momento, discutimos acerca da importância de uma teoria da enunciação para o nosso *corpus*, justificada pelo fato de os alunos estarem durante todo o processo discutindo sobre o que escrever, permitindo que as relações de pessoa, de tempo e espaço durante o ato enunciativo sejam evidenciadas durante o processo de escritura. Além disso, a didática utilizada para coleta de dados, além de oferecer o material audiovisual, que permite que as questões relacionadas à linguagem e o ao sujeito sejam investigadas, também oferece o manuscrito utilizado pelos sujeitos durante o processo. Dessa maneira, para a realização da análise desse material, faz-se necessário recorrer à Crítica Genética, sobretudo, pela sua preocupação com a gênese do texto. Como aponta Grésillon (2007), ao comparar a Crítica Genética à gênese bíblica e à genética das ciências biológicas, seus estudos se ocupam em entender a origem do texto:

Elas⁵dizem respeito a questões de nascimento, de surgimento⁶ e de elaboração, de leis de desenvolvimento e de transmissão (do mundo, do ser vivo ou das obras), e, desse ponto de vista, há uma relação entre um relato cosmogônico, como aquele do Antigo Testamento, o código genético da biologia molecular e a área da crítica genética (p. 11).

⁵ Acréscimo nosso.

⁶ Grifo nosso.

Ao se preocupar com o nascimento de uma obra, a Crítica Genética vai além da compreensão de um texto estagnado, acabado, pois ela busca a compreensão do processo de criação, instaurando “um novo olhar sobre a literatura” (GRÉSILLON, 2007, p. 19). Assim, ainda de acordo com a autora, “seu objeto: os manuscritos literários [...]. Seu método: o desnudamento do corpo e do processo da escrita. Acompanhado na construção de uma série de hipóteses sobre as operações escriturais. Sua intenção: a literatura como [...] movimento” (GRÉSILLON, 2007, p. 19). Em relação ao movimento, é interessante apontar que, para um geneticista, acompanhar o processo é uma atividade complexa, como nos mostra Willemart (1993), uma vez que ele precisa, a princípio, obter o manuscrito, o que não é fácil, visto que muitos autores acabam se desfazendo de seus materiais, por exemplo. Além disso, mesmo possuindo os manuscritos, em alguns casos é necessário averiguar se são fidedignos. Após a obtenção do material, o pesquisador tem o árduo trabalho de “decifrar os rascunhos e a escritura escondida atrás das rasuras, das manchas ou dos rabiscos [...]. E, enfim, utilizando a crítica interna, precisa qualificar os fólios decifrados para estabelecer a ordem provável de composição” (WILLERMART, 1993, p. 17-18).

Portanto, compreender a gênese através do manuscrito não é uma tarefa simples, uma vez que a complexidade se inicia no momento da aquisição do manuscrito e se perpetua ao longo do processo de tentar decifrar o que o autor quis dizer, quando ele disse e porque ele disse. Isso ocorre porque o crítico só tem em mãos o produto final, de modo que, o processo de escritura não pode ser resgatado. No caso específico do nosso trabalho, é interessante destacar que, por meio da nossa metodologia, temos acesso ao processo em tempo real, através dos equipamentos (filmadora, microfone, etc.), o que nos permite observar com exatidão a ordem da composição, as hesitações, as dúvidas, etc. ao longo da elaboração do texto.

É interessante apontar que, mesmo apresentando limitações, o fato de seu principal interesse ser o desvendamento da criação, o processo de escritura, a Crítica genética apresenta uma discussão interessante acerca de dois elementos fundamentais para ela e para a nossa pesquisa: manuscrito e rasura. Esses dois conceitos serão discutidos mais adiante. Agora, iremos situar a Crítica Genética e seus estudos no decorrer do tempo.

A crítica genética nasceu na França, em 1968, quando o Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) criou um pequeno grupo de pesquisadores, por iniciativa de Louis Hay e Almuth Grésillon, para organizar os manuscritos do poeta alemão Heinrich Heine, chagados à Biblioteca Nacional da França. Ao lidar com os manuscritos, os

pesquisadores tiveram vários problemas metodológicos (SALLES, 2008), o que levou os observantes a se debruçarem sobre uma nova ótica dos estudos do texto literário. Assim, a Crítica Genética começou a se desenvolver, passando por várias etapas, e a despertar o interesse de investigadores de vários lugares. Tendo como objeto de estudo os manuscritos literários, que apresentam a dinâmica do texto em criação, utilizando como método à revelação do corpo e do processo da escrita e tendo como intenção à literatura enquanto fazer, atividade (GRÉSILLON, 2007), a Crítica Genética lança um novo olhar sobre os estudos literários.

Esse novo olhar implica, senão uma escolha, no mínimo preferências: as da produção sobre o produto, da escritura sobre o escrito, da textualização sobre o texto, do múltiplo sobre o único, do possível sobre o finito, do virtual sobre o *ne varietur*, do dinâmico sobre o estático, da operação sobre o *opus*, da gênese sobre a estrutura, da enunciação sobre o enunciado, da força da escrita sobre a forma do impresso (GRÉSILLON, 2007, 19).

A partir desse olhar diferenciado sobre o texto, que desvela fenômenos que até então não eram evidenciados, tampouco estudados, não demorou muito para que pesquisadores de outras áreas do conhecimento se interessassem pelos trabalhos da Crítica Genética, ampliando os estudos, que antes eram centrados no texto literário, para todo texto, inclusive para aquele que é elaborado em sala de aula. Por esse motivo, a partir desse momento, optaremos pela expressão Genética Textual, proposta por Doquet-Lacoste (2003), uma vez que o termo Crítica Genética remete à literatura em si, enquanto que Genética textual é um termo mais abrangente que se refere a toda espécie texto.

A Genética Textual nos possibilita um novo olhar sobre o texto, pois, a partir dos manuscritos, podemos ter acesso àquilo que antes era deixado de lado, que passava despercebido, os caminhos percorridos pelo escritor até chegar ao produto final, o texto. As marcas deixadas pelo escritor possibilitam ao pesquisador uma compreensão acerca do que foi escrito. Desse modo, a rasura é uma das principais marcas deixadas no papel, ela dá pistas importantes sobre as pretensões do autor no momento da escritura. De acordo com Grésillon (2007), paradoxalmente, a rasura é:

simultaneamente perda e ganho. Ela anula o que foi escrito, ao mesmo tempo em que aumenta o número de vestígios escritos. É nesse próprio paradoxo que repousa o interesse genético da rasura: seu gesto negativo transforma-se para o geneticista em tesouro de possibilidades, sua função de apagamento dá acesso ao que poderia ter-se tornado texto (p. 97).

Willemart (1995), corroborando com o pensamento de Grésillon, afirma que:

a rasura não se define simplesmente em um risco que corrige um erro de ortografia ou de sintaxe, que melhora o estilo ou elimina uma informação;

verdade, embora não negando este tipo de rasura que encontramos no manuscrito, bem antes de seu efeito final que é a substituição ou a eliminação, a rasura, qualquer que seja, para o movimento do pensamento e da escritura e abre um mundo ao escritor (p.22)

Assim, “a rasura é um dos elementos capazes de confirmar a dimensão temporal própria a todo processo de escritura – nem mais, nem menos” (GRÉSILLON, 2007, p. 98). A partir dos elementos rasurados, pode-se ter uma noção dos caminhos que o autor percorreu para chegar até a finalização de seu texto. Isso não quer dizer que através dos manuscritos e de suas rasuras, os pensamentos são acessados de alguma maneira, ainda não existe ferramenta com tal capacidade. Porém, as rasuras funcionam como pegadas que conduzem o investigador a determinados lugares que sem elas não poderiam ser encontrados, mostrando as especificidades da elaboração de um texto. De acordo com Biasi (2010), a rasura é um componente da escritura que apresenta certa complexidade, embora seja ignorada pelos professores (na maioria das vezes) e tratadas como algo sujo que precisa de apagado, jogado fora.

A complexidade da rasura também está relacionada às várias formas por ela assumida, Grésillon (2007) aponta que ela pode assumir três formas em seu aparecimento: uma primeira, visível que permite recuperar o que havia sido escrito antes, geralmente são gradeados, hachuras, etc; uma segunda, também visível, porém não permite a recuperação do que havia *a priori*, são em geral borrões de tinta; e uma terceira, que permite o acesso ao que foi rasurado, mas que de alguma forma é imaterial, não podendo ser observado de início, são reescrituras sucessíveis, entre outras. Como percebemos, a rasura não é marcada de uma única maneira, e o fato de não haver uma marca no papel não significa que não houve rasura.

Como em nosso *corpus* também temos acesso ao manuscrito final, esses tipos de rasuras podem ser identificados, além disso, podemos ir além e observarmos o momento exato em que a rasura foi realizada, o momento da ação do escrevente, que pode ocorrer e gerar uma marca ou não. Para Calil (2012, p. 591), a rasura marca um retorno ao texto, nas palavras do autor, “reconhecida como operação metalinguística, ela traz em seu bojo uma ação do escrevente sobre o que foi escrito, marcando o reconhecimento de uma diferença entre o que estava escrito e a inscrição de outro elemento que ocupa alguma posição na cadeia sintagmática”, assim, observamos que a rasura também indica uma reflexão.

Em poucas palavras, o processo de escritura e o manuscrito que é seu produto compõem um sistema semiótico multimodal no qual a rasura marca os pontos de tensão no fluxo da escritura, manifestando um retorno visível que indicia as relações dialógicas. A rasura seria, portando, um efeito do

acaso do processo de escritura, sendo imprevisível em que ponto do texto em curso irá manifestar-se (CALIL, 2012 , p. 593).

Em relação ao manuscrito, podemos observar que ele possui todas as marcas, rasuras, anotações, retornos, entre outros aspectos, tudo aquilo que um geneticista precisa para sua pesquisa, nele se encontram as pistas que levarão o pesquisador ao entendimento da gênese. Willemart (1995, p. 22) afirma que o manuscrito “obriga a tentar entender o silêncio que segue a rasura”.

No entanto, algumas questões devem ser apontadas, pois nem todos compreendem a primeira escrita de um texto como um manuscrito. De acordo com Grésillon (2007), os termos rascunho e manuscrito encontram-se comumente em concorrência, visto que muitos são os posicionamentos dos autores sobre esses dois termos, uns afirmam que o termo *manuscrito* é mais genérico, servindo para designar todos os estados manuscritos, enquanto que *rascunho* representa um estado mais preciso da gênese. Outros compreendem o *manuscrito* em um sentido mais restrito em relação à palavra *rascunho*, porém, o fato é que a palavra *manuscrito* foi conservada pelo uso comum. Nos trabalhos de Calil (2008), o autor propõe a utilização do termo manuscrito escolar para o caso específico de nossa investigação, devido ao espaço em que a situação ocorre, por este motivo, manteremos esse termo.

Ter acesso a um manuscrito de uma escrita individual, silenciosa, possibilita ao investigador uma compreensão maior acerca das pretensões do autor durante o processo de escritura através das marcas deixadas no papel, porém, quando a escrita deixa de ser individual e passa a ser realizada em dupla, a compreensão acerca do processo é ainda maior, pois, durante a discussão sobre o que escrever, a dupla interage e deixa emergir questões que antes seriam inacessíveis. É o que ocorre com os dados pertencentes ao bando de dados Práticas de textualização na Escola (PTE), além de possibilitar o acesso aos manuscritos, tem-se as filmagens e suas transcrições. Desse modo, o pesquisador tem em mãos os instrumentos necessários para a realização de uma análise mais fidedigna e pode demonstrar que o processo de escritura não é simples, é árduo e carrega uma série de singularidades e complexidades que, até antes desses estudos, passavam despercebidos.

Assim, a Genética Textual contribui para o estudo daqueles que estão interessados mais no processo de escrita de um texto, do que no seu produto final, o texto acabado. Nessa direção, a relação com a Genética textual faz com que a investigação sobre o processo de escrever esteja suscetível à evolução tão logo se insista no aspecto sempre ativo e, muitas vezes, imprevisível que acompanha a escritura.

Assim, utilizando-se dos dados de escrita colaborativa, em que os alunos estão em situação dialográfica, o problema norteador desta proposta investigativa é compreender o funcionamento da rasura oral através do papel da repetição e da entonação quando alunos recém-alfabetizados escrevem colaborativamente um único texto. Para tanto, é necessário recorrermos às teorias da prosódia, uma vez que a entonação é um elemento prosódico. Portanto, iniciaremos nossa discussão com a repetição, esclarecendo algumas questões de ordem teórica e, também, demonstrando sua importância durante o ato enunciativo. E, em seguida, discutiremos sobre a prosódia, realizando algumas distinções importantes para compreendermos a entonação, uma vez que durante o processo de conversação, o locutorrecorre a diversos artificios que estão presentes na fala e que auxiliam na forma como a mensagem será interpretada pelo interlocutor. Ele seleciona o repertório mais adequado para cada tipo de situação e a forma como esse repertório será pronunciado, uma vez que a pronúncia pode despertar diversas reações em quem ouve. A forma como pronunciamos as palavras (entonação, ritmo etc.) fazem parte dos elementos suprasegmentais, que serão discutidos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

Repetição, Prosódia e Entonação

*Tudo no mundo se repete
com uma certa regularidade.
Esta repetição levou o homem a inventar
o tempo e o quando.
(Oswald Wendel)*

No capítulo 1, iniciamos nossa discussão através da Linguística da Enunciação, abordando a teoria enunciativa proposta por Émile Benveniste (1991; 2006), pela importância que acorda ao ato de enunciação, a situação e os instrumentos através dos quais se realiza, uma vez que, em nossos dados, trabalhamos com o processo capturado em tempo real, que envolve dois sujeitos discutindo colaborativamente sobre o que escrever. Para tanto, discutimos o conceito de subjetividade, desvencilhando algumas questões que, muitas vezes, geram equívocos em leitores inexperientes. Além disso, tratamos sobre os três elementos fundamentais ao ato enunciativo, apresentados pela teoria em questão, (*eu, tu, ele*), relacionando-os aos nossos dados. Por último, mencionamos o conceito de discurso apresentado por Benveniste, mostrando a relação direta com o nosso *corpus*, uma vez que há, de acordo com o autor, singularidade no discurso, mesmo que este já tenha sido proferido.

Após termos nos debruçado sobre a Linguística da Enunciação, inserimos na discussão a Genética Textual, pois, mesmo que a questão norteadora do nosso trabalho esteja centrada na oralidade, não podemos esquecer que se trata de um processo em que sujeitos discutem sobre o que escrever, de modo que a escrita e todos os elementos que a envolvem também fazem parte do processo e merecem atenção. Assim, apresentamos os conceitos de rasura e manuscrito, discutidos pela Crítica Genética⁷, com a finalidade de mostrar a importância desses elementos. Procuramos, ainda, apontar que o manuscrito não se restringe apenas ao literário, a uma obra clássica, pois o que o aluno produz em sala de aula também é um manuscrito, um manuscrito escolar, como nos mostra Calil (2008; 2012).

No presente capítulo, iremos dar continuidade à nossa discussão, apresentando dois conceitos essenciais e norteadores para a nossa pesquisa: repetição e entonação. Esses dois conceitos estão fortemente relacionados ao funcionamento da rasura oral, discutida neste trabalho, e merecem atenção. Inicialmente, discutiremos sobre a repetição e, em

⁷Utilizamos o termo Crítica Genética porque os conceitos de rasura e manuscrito foram discutidos pela primeira vez a partir de trabalhos de geneticistas e foram seus conceitos que trouxemos para o presente trabalho.

seguida, trataremos sobre a prosódia, uma vez que o termo é frequentemente confundido como sinônimo de entonação, quando na realidade a entonação é um dos elementos que pertence aos estudos prosódicos. Dando sequência, abordaremos a entonação, propriamente, estabelecendo uma ponte entre os conceitos apresentados e os nossos dados.

2.1 A repetição e seu papel na escrita a dois

Por fazer parte do planejamento da fala, a repetição é um processo recorrente na oralidade. Diferente do texto escrito, em que a repetição é vista de forma negativa, no texto oral ela está presente e faz parte do processo de formulação. Marcuschi (2015) aponta que, enquanto na oralidade as repetições levam à produção de segmentos completos duas ou mais vezes, na escrita, os processos de revisão e editoração culminam na diminuição de repetições no produto final. Assim, enquanto na escrita a repetição apresenta um caráter negativo, na oralidade ela é um elemento essencial.

De acordo com Koch (2002), a repetição é uma estratégia essencial de estruturação da fala que possibilita a absorção do novo como algo conhecido. Tannen (1987; 1989) argumenta que a repetição é composta por uma série de padrões que contribuem para a coerência no discurso, ela permite que o falante se expresse de forma mais coerente, facilitando a compreensão e fornecendo um discurso menos denso.

Segundo Marcuschi (2015, p. 207), entre os processos de formulação textual presentes na língua falada, a repetição é um dos mais utilizados, assim, “na fala, em que nada se apaga, a repetição faz parte do processo formulativo. Sua presença na superfície do texto falado é alta, constatando-se que, a cada cinco palavras, em média, uma é repetida”. Ainda de acordo com o autor, devido a sua plasticidade, a repetição apresenta várias funções. Ela:

Contribui para a organização discursiva e a monitoração da coerência textual; favorece a coesão e a geração de sequências mais compreensíveis, dá continuidade à organização tópica e auxilia nas atividades interativas. Disso tudo resulta uma textualidade menos densa e maior envolvimento interpessoal, o que torna a repetição essencial nos processos de textualização da fala (MARCUSCHI, 2015, p. 207).

Ao tratarmos de repetição, asseguramos que repetir é pronunciar o mesmo segmento linguístico duas ou mais vezes (MARCUSCHI, 2015; RAMOS, 1983). É interessante esclarecer que não devemos apontar palavras gramaticais (artigos, conjunções, etc.) e termos que caracterizam a interação no discurso (sabe, né, etc.), exceto em casos contíguos (RAMOS, 1983). De acordo com Marcuschi (2015), devemos diferenciar a

repetição de elementos linguísticos e a repetição de conteúdo, uma vez que repetir as mesmas palavras não é equivalente a dizer a mesma coisa. Não repetimos pelo simples fato de repetir, a repetição expressa algo novo, ela apresenta uma intencionalidade, pois quando repetimos uma palavra, ou frase, o seu significado se altera, não é o mesmo (KOCH, 2002; MARCUSCHI, 2015; TANNEN, 1987, 1989). Essa questão é pertinente, sobretudo para nossa investigação, pois, como já foi discutido, do ponto de vista enunciativo não há repetição, visto que sempre que o sujeito enuncia uma palavra antes proferida, esta já não carrega o mesmo significado e, sim, uma intenção, outro sentido dado pelo locutor. Assim, ao tratarmos sobre repetição nesse trabalho, estamos nos referindo ao ponto de vista lexical, as palavras são repetidas, o que não se repete aqui é o sentido, que já é outro.

Dando continuidade à nossa discussão, é interessante apresentarmos a classificação das repetições, pois como nos aponta Ramos (1983), em seu trabalho, existem duas classes: a primeira enquadra as repetições que contribuem para facilitar a tarefa do ouvinte de decodificar enunciados; e a segunda que corresponde a repetições que realizam outras funções.

Na primeira classe inclui-se, por exemplo, os casos [...] onde, através da repetição, o falante reconstitui estruturas canônicas, tornando assim as sequências mais acessíveis a estratégias sintáticas de processamento mais preferidas. Incluem-se também enunciados em que a repetição desempenha outras funções: a) preencher a posição de sujeito em construções do tipo tópico e comentário [...]; b) marcar o item da sentença que será comentado a seguir [...]; c) enfatizar elementos da sentença. [...] Na segunda classe, as repetições cuja ocorrência não contribui para facilitar a tarefa do ouvinte, foram identificados dois tipos de ocorrências: a) repetição de hesitação; b) repetição intensificadora (RAMOS, 1983, p. 60-61).

Em relação às manifestações da repetição, Marcuschi (2015), afirma que elas se manifestam de várias formas e são multifuncionais. No que se refere à produção “os segmentos repetidos podem distribuir-se entre autorrepetições e heterorrepetições, sendo estas menos frequentes” (MARCUSCHI, 2015, p. 210). Ocorre autorrepetição quando o falante repete elementos da sua própria fala, já as heterorrepetições ocorrem quando o interlocutor repete elementos presentes na fala do locutor. Do ponto de vista da categoria linguística do segmento repetido, o autor aponta: as repetições fonológicas (aliteração, entonação, etc.); repetições de morfemas (prefixos, sufixos, etc.); repetição de itens lexicais; repetições de construções subordinacionais; e repetições de construções oracionais.

No que se refere aos aspectos funcionais da repetição, Marcuschi (2015) aponta que as repetições estão presentes em vários aspectos da formulação textual-interativa:

- a. no plano da *coesividade*, abarcando a sequenciação propriamente, a referenciação, a expansão oracional, a parentetização e o enquadramento funcional;
- b. no plano da *compreensão*, fortalecendo a intensificação e o esclarecimento;
- c. no plano da *continuidade tópica*, proporcionando a amarração, a introdução, a reintrodução e a delimitação do tópico;
- d. no plano da *argumentatividade*, possibilitando a reafirmação, o contraste e a contestação;**
- e. finalmente, no plano da *interatividade*, **colaborando na monitoração da tomada de turno, na ratificação do papel de ouvinte e na incorporação de opinião**⁸(MARCUSCH, 2015, p. 219).

No nosso trabalho, vamos nos deter aos dois últimos aspectos funcionais da repetição: o plano da argumentatividade e da interatividade. Embora pareça redundante falar em um aspecto de interatividade, uma vez que a repetição é considerada um recurso interativo, esse aspecto funcional é central durante a formulação do texto falado, além do mais, muitas decisões dos falantes se devem ao fato de existirem pressões de ordem comunicativa. Através do plano de interatividade, a repetição assume várias funções, ela expressa opinião pessoal; monitora a tomada de turno; ratifica o papel do ouvinte; incorpora ou endossa asserções do parceiro; mostra polidez, entre outros. O plano da argumentatividade também desempenha um papel muito importante, o falante o utiliza para reafirmar, contrastar ou contestar argumentos. (MARCUSCHI, 2015). No presente trabalho, observamos que as funções **contraste de argumentos** (contida do plano da argumentatividade) e **expressão de opinião pessoal**(contida no plano da interatividade), têm uma íntima relação com o objetivo central do trabalho, sobretudo a primeira.

De acordo com Marcuschi (2015, p. 232), “nas R⁹ com função de contraste nem sempre aparecem negações em termos proporcionais, já que a negação pode dar-se pela modulação entoacional”, o autor chama esse fenômeno de uso expressivo da entonação. Esse fenômeno ocorre em nossos dados, pois os alunos não precisam utilizar a palavra “não” para expressar insatisfação sobre o percurso ou algum elemento da história. Por isso, não incluímos dados em que há a enunciação do “não”, uma vez que essa palavra já marca um apagamento. Em relação ao plano da interatividade, na função “expressão de opinião pessoal”, o falante se utiliza das heterorrepetições para expressar opiniões divergentes, ou não. O interlocutor utiliza partes da fala do locutor para expressar sua opinião, outro aspecto muito comum nos dados analisados, como podemos ver:

⁸Grifos nossos.

⁹Repetições

TD_ 7º processo (manuscrito “A princesa e a pedra encantada”) – 26/02/92

25 ISABEL: "- Era uma vez um...

26 NARA: (SI) A gente tem que escrevê 'era uma vez'?

27 ISABEL: É... é... príncipe? Era uma vez um príncipe e uma rainha..."

28 NARA: **Era um dia... era uma vez um dia... muito bonito...**

29 ISABEL: "- (RINDO.) Era uma vez um dia... ah! Vai Nara...

30 NARA: É vai...

31 ISABEL: (RINDO) Ô Nara... era uma vez um dia muito bonito? Ô Nara? Que que é isso?

32 NARA: **Era uma vez um príncipe que morava...**

33 ISABEL: Um príncipe e uma princesa e um rei que morava num castelo... [era uma vez um].

No texto dialogal (TD) acima observamos o papel da repetição no processo. Isabel, inicialmente, repete parte do enunciado proferido por Nara, “*Era uma vez um dia*”, com o intuito de modificar o início da história, e, como a alunança demonstra interesse em mudar de ideia, Isabel repete todo o enunciado com mais ênfase, “*Era uma vez um dia muito bonito?*”. Neste caso, percebemos que Isabel utiliza o enunciado de Nara para expressar sua insatisfação em relação ao início da história, ela não enuncia a palavra “não”, mas a repetição, junto com a entonação, deixa transparecer sua opinião de tal modo que Nara acaba rasurando o início da história, conseqüentemente, modificando o percurso. Como podemos ver, embora o apagamento ocorra na oralidade, podemos afirmar que se trata de uma rasura e, assim como a rasura gráfica, ela também pode modificar o percurso do texto. Esse texto dialogal será discutido com mais profundidade no capítulo 5.

2.2 A prosódia em questão

Antes de discutirmos o conceito de entonação, neste trabalho, faz-se necessário definir o termo prosódia, uma vez que a entonação está inserida em seus estudos, além disso,

os termos são frequentemente tratados como sinônimos, o que não é verdade, visto que a entonação faz parte dos elementos estudados pela prosódia.

Responsável por cuidar da correta acentuação tônica das palavras, a prosódia é tema de discussão há bastante tempo. Em um percurso histórico, a palavra prosódia foi utilizada pela primeira vez na República de Platão objetando o conteúdo segmental a variações melódicas presentes nas formas de narrar por imitação, assim, o termo era referido a características da fala que não eram indicadas na ortografia, o que podemos relacionar à entonação que conhecemos hoje, por exemplo, uma vez que a ortografia é incapaz de dar conta das variações melódicas utilizadas por um falante durante o ato enunciativo. Desse modo, comparadas a narrações imitativas que se assemelham ao canto, esse tipo de narrativa era condenado por Sócrates, na República, sendo justificado pelo fato de corromper a imagem que os jovens tinham das personagens célebres (BARBOSA, 2010, 2012; COUPER-KUHLEN, 1986).

De acordo com Couper-Kuhlen (1986), com o passar do tempo, símbolos ortográficos que se referiam aos acentos tonais foram introduzidos ao sistema ortográfico grego, levando o nome de “prosódias”.

Syllables which bore an acute prosody in ancient Greek were spoken on a high tone, syllables with a grave prosody were said on a low tone, and those with a circumflex were given first a high, then a low tone! Prosody was thus associated from the very beginning with the melodic features of spoken language? (COUPER-KUHLEN, 1986, p. 1)¹⁰.

Como podemos perceber, o termo prosódia estava sempre relacionado a questões referentes à melodia da fala, assim, no século II (d.C), o termo prosódia sofreu uma extensão de sentido, sendo designado a quaisquer características que não estavam expressas no nível segmental¹¹, entre essas características estavam o comprimento, ou duração, das vogais. Ao longo do tempo os acentos tonais do grego deixaram de existir, sendo substituídos por acentos dinâmicos, ou *stress*¹². Quando esse fato ocorreu, o termo prosódia se restringiu e passou a designar distinções de estresse. A partir da relação entre a duração das vogais e estresse e sua identificação na poesia, com relação às características quantitativas e melódicas, no século XV, a palavra prosódia passou a significar “versificação”, auferindo um caráter normativo e

¹⁰Sílabas que suportam um tom mais agudo em grego antigo foram ditas como tendo um tom alto, sílabas com uma prosódia grave foram ditas como tendo um tom baixo, e aquelas com um circunflexo foram chamadas, pela primeira vez, como alta, então um tom baixo! Prosódia foi, assim, associada desde o início, com as características melódicas da linguagem falada? (tradução da autora).

¹¹ Nível segmental está relacionado ao eixo paradigmático, referindo-se a unidades que podem ser substituídas e que são excludentes entre si.

¹² Está relacionado ao que chamamos de sílaba tônica.

sendo inclusa em regras de boa pronúncia. (BARBOSA, 2012, 2010; COUPER-KUHLEN, 1986).

Com o passar do tempo, os termos “melódica”, “prosódia” foram esquecidos. Couper-Kuhlen (1986), afirma que estudiosos chegaram ao ponto de assegurar que no inglês, por exemplo, não existia melodia em tudo, fato que, segundo o autor, foi logo combatido por Joshua Steele, em *An essay towards establishing the melody and measure of speech* de 1775, que logo foi intitulado *Prosodia rationalis*. Joshua Steele foi considerado um dos primeiros defensores da “prosódia melódica”, além disso, ele criou sua própria notação de transcrever a entonação, o que o tornou um autor muito discutido e importante para os estudos melódicos (COUPER-KUHLEN, 1986). Exceto por este episódio, a “prosódia melódica” foi novamente esquecida, uma vez que as análises linguísticas, relacionadas aos componentes da fala, estavam concentradas excepcionalmente nos aspectos segmentais. Foi então que, no final de 1940, Firth reviveu o termo.

Firth revived the term to describe the approach he advocated towards linguistic analysis. While most linguists concerned with the auditory analysis of speech had their attention focused exclusively on single sounds or segments - this was referred to as phonemic analysis at the time - Firth argued that more emphasis should be placed on features which extend over a stretch of utterance (COUPER-KUHLEN, 1986, p. 2).¹³

Desse modo, ainda de acordo com o autor, Firth foi o primeiro linguista a propor o termo “análise prosódica” nos estudos linguísticos, recuperando a designação original da palavra prosódia. É interessante acrescentar que a prosódia era definida de forma negativa pelos funcionalistas, sendo caracterizada por abranger “todos os fatos de fala que não entram no quadro fonemático, isto é, aqueles que não concernem, de uma forma ou de outra, a segunda articulação” (MARTINET, 1991, p. 83 apud BARBOSA, 2010, p. 388). Da mesma forma que os estudos enunciativos sofrem certo preconceito, por parte de alguns teóricos, por abordar questões como subjetividade, sujeito, dêixis, entre outros; a prosódia, também, não teve uma boa aceitação de início, embora já houvesse trilhado um longo caminho teórico. Com isso, é interessante apontar a importância da realização desses estudos e do debate sobre esses conceitos, pois eles nos possibilitam tratar questões que envolvem a relação inter-díade, discutida neste trabalho, como a rasura oral. A teoria enunciativa não dá conta de explicar os

¹³Firth reviveu o termo para descrever a abordagem ele defendia para a análise linguística. Enquanto a maioria dos linguistas preocupados com a análise auditiva de expressão teve sua atenção voltada exclusivamente para sons individuais ou segmentos - este foi encaminhado para análise como fonêmica na época - Firth argumentou que mais ênfase deve ser colocada sobre os recursos que se estendem ao longo de um trecho do enunciado. (tradução da autora).

fenômenos relacionados à melodia da fala, bem como a prosódia não discute os fenômenos que envolvem a linguagem e o ato enunciativo, é necessário unir esses campos para entender o funcionamento da rasura oral, ou seja, os dois estão nesta pesquisa em uma relação de complementaridade, que nos permite avançar nos estudos sobre o funcionamento da rasura oral.

2.2.1 Prosódia x Suprasegmento

Diante do que foi exposto no primeiro tópico, pudemos perceber que a prosódia possui uma longa história composta por idas e vindas acerca de sua definição e de seu objeto. Sendo assim, neste tópico, iremos nos debruçar sobre a diferença entre prosódia e suprasegmento. A importância em trazer esta discussão para o nosso trabalho está relacionada ao fato de que quando nos propomos a pesquisar sobre entonação, encontramos um impasse, pois, de início, não fica claro, na maioria dos trabalhos, visto que cada autor adota determinado termo, se ela pertence aos estudos prosódicos ou suprasegmentais, ou, ainda, se esses termos são sinônimos. Assim, nosso objetivo é esclarecer antecipadamente a utilização dos termos pelos autores citados neste trabalho, visto que não há um consenso entre eles e isso poderia gerar uma série de dúvidas nos leitores.

Na atualidade, o termo prosódia diz respeito à parte da fonética/fonologia que estuda elementos comuns à música e à linguagem, como a altura melódica, o volume sonoro e a duração (AGUIAR e MEDEIRO, 2007) e alguns autores preferem denominar esses fenômenos como suprasegmentais¹⁴. A denominação, neste caso, merece atenção, uma vez que podemos facilmente interpretar os termos prosódia e suprasegmento como sinônimos, o que não são inteiramente. Utilizado, habitualmente, por linguistas que trabalham numa tradição estruturalista americana, o termo suprasegmento pode se referir, também, a fenômenos que estão localizados além ou acima, de forma hierárquica, da representação linear dos segmentos (AGUIAR e MEDEIRO, 2007; COUPER-KUHLEN, 1986). Desse modo, na tradição americana, o discurso contínuo é pensado para ser segmentado em unidades mínimas, os sons característicos de uma determinada língua, que entram em uma série de relações paradigmáticas e sintagmáticas entre si e formam o sistema de som principal de um idioma. A

¹⁴O uso do termo pode ter relação com uma determinada linha teórica. De acordo com Aguiar e Medeiro (2007), Enquanto na Europa utiliza-se o termo prosódia pra designar os conceitos acima, na América do Norte, faz-se uso da expressão “fenômenos suprasegmentais” e ainda acrescenta os elementos prosódicos contínuos, segmentáveis, ou não, segundo princípios próprios.

partir disso, alguns processos caracterizados como “secundários”, devem ser tratados em um nível acima, ou além dos segmentos, daí o termo suprasegmental para designar fenômenos que se estendem para além de um único segmento (COUPER-KUHLEN, 1986), esses elementos estão sobrepostos à cadeia de fonemas segmentais e correspondem ao tom, a duração e a entonação.

Enquanto isso, ainda de acordo com Couper-Kuhlen (1986), na tradição britânica, a língua falada é discutida a partir do “contexto da situação”, ou seja, o desempenho ou percepção de um evento de fala envolve efeitos vocais ou auditivos e efeitos visuais. Desse modo, “auditivamente, um enunciado pode ser dito para conter ambos os componentes segmentares e não-segmentares. Deixando de lado os sons individuais ou segmentos de fala, o que resta, é o chamado “resíduo do enunciado”, esse é o domínio da prosódia no sentido britânico” (COUPER-KUHLEN, op. cit., p. 3).

De acordo com Barbosa (2010, 2012), a prosódia tem seu campo de estudos distribuídos nos domínios linguístico, paralinguístico e extralinguístico, onde são estudadas as funções prosódicas de demarcação (sílabas, palavras fonológicas, etc.), proeminência (proeminência de um constituinte prosódico em relação a outro) e de marcação discursiva (marcadores de turno num diálogo, etc.). Desse modo, os estudos linguísticos dão conta das funções relacionadas ao ritmo, entonação, acentuação, ao acento lexical e frasal. Já os estudos paralinguísticos abrangem fenômenos languageiros e comunicativos, como marcadores discursivos, sussurros, rangido, falsete (registro vocal mais agudo que a voz normal), atitudes, emoções, riso, choro, etc. Assim, observamos que os efeitos paralinguísticos estão apenas esporadicamente presentes no sinal da voz, enquanto que os efeitos prosódicos estão, na maior parte, presentes no discurso (BARBOSA, 2010, 2012; COUPER-KUHLEN, 1986).

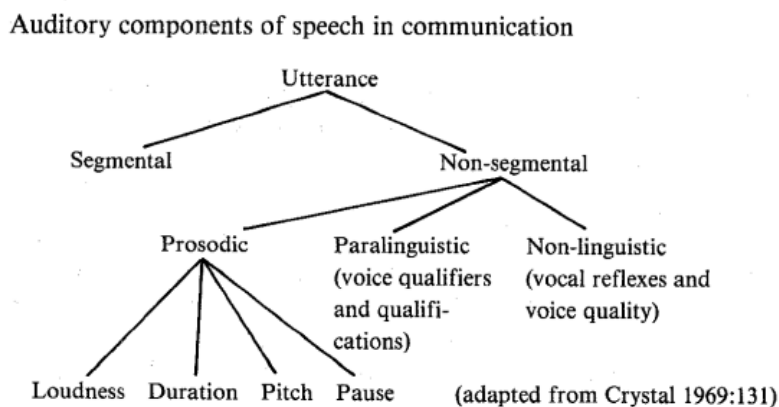
De acordo com Barbosa (2012), seguindo uma tradição britânica, dentro dos estudos prosódicos podemos nos dedicar às unidades fônicas e de suas relações a partir da sílaba¹⁵ até partes de discurso, em que sua extensão máxima tenha sido ampliada de acordo com os interesses dos especialistas, assim, percebemos que “é a prosódia que molda nossa enunciação imprimindo a ‘o que se fala’ um ‘modo de falar’ que é dirigido intencionalmente ou não ao ouvinte” (BARBOSA, 2012, p. 13-14).

Aos estudos de prosódia cabe a análise de unidades fônicas e de suas relações desde a sílaba até o texto oral, cuja extensão máxima é cada vez

¹⁵Vale ressaltar que o termo sílaba não corresponde ao conceito intuitivo conhecido pela maioria dos falantes, definir sílaba é uma tarefa complexa que não será realizada neste trabalho.

mais longa. A análise prosódica se dá nos eixos linguísticos tradicionais, o eixo sintagmático e o eixo paradigmático, tanto do ponto de vista fonológico quanto fonético (BARBOSA, 2010)

Segundo Couper-Kuhlen (1986), a prosódia admite pelo menos os presentes aspectos auditivos do discurso: intensidade (um componente do *stress*), duração (um componente do ritmo e do tempo), *pitch* (componente da entonação) e pausa. Como o autor demonstra no desenho abaixo:



(Couper-Kuhlen, 1986, p. 4)

É importante salientar que não trouxemos para o trabalho nenhum experimento, realizado em programa específico, que mostre esses aspectos nos dados que analisamos, porque o nosso trabalho não se restringe ao estudo da entonação, sendo assim, não seria pertinente apresentar detalhes específicos. Porém, como temos acesso aos áudios, marcamos as palavras ou frases em que a entonação se evidencia para facilitar o entendimento do leitor no momento de ler as transcrições (como pode ser observado em todos os textos dialogais). Vale ressaltar que nossa preocupação repousa sobre o funcionamento da rasura oral por meio da repetição e da entonação.

Em suma, no sentido britânico, a prosódia assume o conceito de categoria de percepção auditiva em uma abordagem *top-down* (de cima para baixo), abrangendo fenômenos mais vastos que os suprasegmentais e não se aplicam a domínios menores que uma sílaba. Já no sentido americano, o termo suprasegmental assume uma abordagem *bottom-up* (de baixo para cima), geralmente, descreve fenômenos acima do nível segmental, porém abaixo do nível silábico (COUPER-KUHLEN, 1986). No próximo tópico daremos sequência e discutiremos sobre as características da prosódia.

2.2.2 Características da prosódia

Em relação às suas características, do ponto de vista fonético, a prosódia deve ser entendida em três dimensões: articulatória (do ponto de vista do falante); auditiva (do ponto de vista do ouvinte) e acústica (que corresponde ao sinal acústico transmitido). Essas dimensões não são completamente independentes, não existindo uma correspondência direta entre seus aspectos (COUPER-KUHLEN, 1986).

De acordo com Paixão (2014), no que se refere à análise prosódica em termos físicos, ou seja, as ondas acústicas, podemos analisá-la sob quatro parâmetros, que seriam: a **altura melódica**, acendida pela frequência fundamental (F0), correspondente ao primeiro harmônico que compõe uma onda sonora (a expressão frequência é utilizada para designar a vibração das moléculas causada pelas pregas vocais, colocadas em movimento pelo fluxo egressivo de ar) é medida em ciclos por segundo ou hertz (Hz); **intensidade ou volume**, que corresponde à combinação entre a atividade muscular, o fluxo de ar vindo dos pulmões e de pressões de ar na região subglótica¹⁶, é medida em decibéis (dB); a **duração**, envolve a coordenação dos movimentos dos órgãos fonoarticulatórios (lábios, língua, etc.), ou com a ausência ou presença de fonação, é medida em unidades de tempo como segundos (s), milissegundos (ms); e, por último, o **timbre** que, ainda de acordo com Paixão (2014), é mais complexo de se investigar, pois se refere à qualidade ou textura de cada som.

Como pode ser observado, ao nos referirmos à palavra prosódia, estamos tratando de algo mais abrangente, que comporta uma série de elementos e suas propriedades. Como a presente pesquisa não dá conta de todos, uma vez que, também, esse não é seu objetivo, discutiremos três elementos que fazem parte dos estudos da prosódia e que desempenham papéis diferentes, que se entrelaçam, no ato de fala (BARBOSA, 2012). Esses elementos são: a acentuação, o ritmo e a entonação, correspondentes a três parâmetros físicos: intensidade, duração e frequência fundamental da voz. A acentuação é causada por alterações na intensidade, causando variações de frequência; o ritmo é baseado, principalmente, em relação à ação e ao tempo, sendo a percepção de um fato acústico retornando em uma lei temporal; a entonação é considerada o mais complexo desses elementos e corresponde à sensação psicoacústica que faz com que se obtenha a combinação de variações de intensidade e variações de frequência fundamental (F0)(LEROY, 1975).

¹⁶Nível localizado abaixo das pregas vocais.

As palavras prosódia, ritmo e entonação muitas vezes são confundidas ou definidas da mesma forma, principalmente os termos prosódia e entonação. Enquanto a palavra prosódia engloba uma série de elementos e seus devidos conceitos (inclusive a entonação), a entonação, propriamente, limita-se ao estudo das relações abstratas que contemplam o domínio não-lexical, referindo-se, especificamente, às modulações da altura melódica ao longo dos enunciados. Sendo assim, a entonação abrange o ritmo em alguns de seus estudos, uma vez que ela engloba a duração e seu correspondente físico e perceptivo ao longo do enunciado, não se limitando à percepção do *pitch* (altura) ao longo do tempo (BARBOSA, 2012; PAIXÃO, 2014). Vale ressaltar que a relação entre o ritmo e a entonação depende do recorte da investigação, em alguns casos, a entonação não abrange o ritmo, ficando este restrito à parte da prosódia. Assim, observamos que os termos se entrelaçam, porém contêm conceitos e funções que devem ser devidamente delimitados.

A partir das características da prosódia, chegamos à entonação propriamente. É interessante ressaltar que discutir sobre esses conceitos nos dá subsídios para tratarmos com mais clareza a entonação e sua função no processo de rasura oral. Além do mais, algumas questões de ordem conceitual tinham que ser aclaradas para que equívocos não fossem gerados no decorrer da leitura.

Como já foi mencionado, a entonação faz parte dos estudos da prosódia, campo amplo e complexo que, assim como outras áreas da linguística, sofre certo preconceito por tratar, principalmente, daquilo que foge do domínio lexical. Porém, queremos ressaltar sua importância, pois sem esses estudos, não poderíamos discutir fenômenos que estão presentes e influem na linguagem durante os atos enunciativos. No caso específico do nosso trabalho, em que discutimos sobre o funcionamento da rasura oral, quando alunos discutem de forma colaborativa sobre o que escrever, a entonação exerce um papel muito importante para compreendermos o surgimento das rasuras orais, uma vez que o fato de o aluno usar uma entonação diferente, mesmo repetindo os mesmos termos, causa no interlocutor, na maioria das vezes, uma atitude que pode interferir no percurso do texto. Sendo assim, no próximo tópico iremos discutir sobre a entonação e suas diferentes funções na fala.

2.3 A entonação e suas funções

Definir a entonação não é uma tarefa simples, visto que não há consenso entre os estudiosos da área, alguns afirmam que a entonação está inserida em um nível

suprasegmental, outros a restringe às manifestações de melodia da fala (BAUMMAN e GRICE, 2007; COUPER-KUHLEN, 1986). Aqui nos interessa compreender algumas de suas funções na linguagem falada, visto que a entonação muitas vezes é utilizada como ferramenta para provocar determinadas atitudes no falante, o que está relacionado com o objetivo dessa pesquisa, uma vez que acreditamos que a entonação está envolvida no funcionamento da rasura oral. De acordo com Baumman e Grice (2007), a entonação exerce funções linguísticas e paralinguísticas, que compreendem desde a marcação de modalidade da sentença, até expressões com nuances emocionais e comportamentais.

Cagliari (1992), ao tratar sobre a entonação, faz uma separação entre os elementos suprasegmentais, afirmando que eles podem ser divididos em dois tipos, de acordo com a tradição fonética: os elementos que alteram segmentos, como é o caso da labialização, a palatalização, entre outros elementos que são portadores de uma articulação secundária; e os elementos que são diferentes dos segmentos em natureza fonética e que distinguem unidades maiores do que os segmentos, sendo, no mínimo, da extensão de uma sílaba, uma vez que não se estuda, em geral, a variação de constituintes prosódicos em constituintes menores que a sílaba¹⁷.

Os padrões entoacionais (ou tons) caracterizam unidades chamadas Grupos Tonais (GT), as quais por sua vez, podem ser divididas em componente tônico, cuja divisão é feita pela localização da sílaba tônica saliente, ou seja, a sílaba em que ocorre a maior mudança no nível melódico, quer subindo, quer descendo. Por esta razão, nem toda sílaba tônica tem um tom mais alto, podendo, pelo contrário, ser tônica porque tem um tom baixo (CAGLIARI, 1992, p. 138)

De acordo com Cagliari (1992, p. 137), os elementos do primeiro tipo são difundidos como “elementos suprasegmentais”, já os elementos do segundo tipo são conhecidos como “elementos prosódicos”, o autor os denomina de elementos suprasegmentais prosódicos e os agrupa da seguinte maneira: “a) elementos da melodia: tom, entoação, tessitura. b) Elementos da dinâmica da fala: duração, mora¹⁸, pausa, tempo, acento, ritmo, ársis/tesis¹⁹ e c) elementos da qualidade da voz: volume, registro, qualidade da voz”.

¹⁷ Autores como Cagliari (1992), Moraes (1982), entre outros, ao discutirem sobre entonação a classificam como um elemento suprasegmental, porém não fica claro se a utilização do termo acontece devido a um posicionamento teórico ou não. Como podemos perceber, Cagliari menciona o termo “suprasegmentais”, mas afirma que não se estuda a variação de constituintes prosódicos em constituintes menores que a sílaba. O que não corresponde ao conceito discutido por Couper-Kuhlen (1986) quando o autor distingue a tradição britânica da estruturalista americana.

¹⁸ Dilatação do tempo, delonga.

¹⁹ Elevação e diminuição do tom, respectivamente.

Considerando a entonação como, basicamente, uma manifestação ocasionada por modulações de frequência fundamental (F0), modulações da intensidade e modulações da duração (COUPER-KUHLEN, 1986; MORAES, 1982), Moraes (1982), assegura que, no que se refere ao aspecto formal, propriamente linguístico, a entonação pode ser definida pelo desempenho de determinadas funções, atuando, assim, em um nível superior ao da palavra, geralmente, ao nível do enunciado.

Paixão (2014) citando Grammont (1946), afirma que existem três funções básicas para a entonação: “a *função idiossincrática*, que diferencia línguas; a *função expressiva*, que expressa emoções do falante; e a *função modal*, que diferencia tipos de frases (afirmações de perguntas, por exemplo)” (PAIXÃO, 2014, p. 19). Moraes (1982), com base no trabalho de F. Danes, também menciona a função expressiva da entonação e aponta a existência de múltiplas funções, enumerando suas funções da seguinte maneira: a) comunicativa; b) organizadora da mensagem em tema e rema²⁰; c) modal principal: asserção e apelo (interrogação: total/parcial e ordem); d) gramatical ou lexical; e) modal subsidiária, expressiva. Deter-nos-emos, neste trabalho, a esta última função, pois de acordo com Moraes “a função modal secundária, ou expressiva, é a que se manifesta ao reconhecermos a atitude ou a emoção do falante” (MORAES, 1982, p. 68), que provocam certos efeitos no ouvinte (ironia, justificação, etc.).

O falante, durante o processo de conversação, recorre a diversos artificios que auxiliam na forma de como a mensagem será interpretada pelo ouvinte. Ele seleciona o repertório mais adequado para cada tipo de situação e a forma como esse repertório será pronunciado, uma vez que a pronúncia pode despertar diversas reações em quem ouve, é nesse contexto que a entonação entra em cena. Baumann e Grice (2007), ao tratarem sobre os atos comunicativos ilocutórios, ou seja, atos de fala que carregam uma intenção do falante, apontam quatro categorias principais: constativos (declarações), diretivos (perguntas, pedidos), comissivos (promessas) e reconhecimentos (desculpas). Nestes casos, a entonação tem papel fundamental na distinção de cada um.

Assim, a entonação corrobora para a interpretação de estados subjetivos de ordem emocional do falante, exteriorizando sentimentos como raiva, tristeza, alegria, além de questões de ordem intelectual, como ignorância, dúvida, opinião, certeza, entre outros, como demonstram Aguiar e Medeiro (2007). Ainda segundo os autores:

A entonação dá a uma palavra ou grupo de palavras a marca da frase. As alterações da afetividade se refletem na linha musical da elocução e são

²⁰Esses termos estão relacionados à semântica, tema é o tópico (parte inicial do enunciado) e rema é o comentário (aquilo a que o falante se refere).

percebidas pelo ouvinte. Involuntariamente, são extravasados pela melodia das palavras sentimentos reprimidos ou ocultos (2007, p. 229).

Com o desenvolvimento dos estudos da linguagem, entendemos que a entonação é um importante elemento do discurso oral, imprimindo à enunciação significações diferentes, além da possibilidade de favorecer o sucesso da interação, a entonação é muito importante na construção de sentido do discurso (AGUIAR e MEDEIRO, 2007). Ao pesquisarmos sobre entonação, percebemos que muitas são as suas funções, tornando-se um elemento importante e complexo de ser estudado. No presente trabalho, observamos que a entonação usada pelos alunos está inserida na função expressiva, uma vez que essa função é responsável por demonstrar atitudes e emoções do falante, produzindo diversos efeitos no ouvinte, como podemos perceber no seguinte texto dialogal:

TD_ processo 1º (manuscrito “A madrasta e as duas irmãs”) – 25/04/91

99 ISABEL: da... qual que e... qual que era o barulho da mágica?...

100 NARA: zabumbacalabumba... (PROFESSORA AFASTANDO-SE)

101 ISABEL: não... zabumbacalabumba²¹... prá uma fada?... zumba...zim... é assim... zimalazim... a mágica vai dar para mãe de Adriana para ficar com uma dó... (S.I.) prá ficar com dó dela... prá ficar com ela, tá? Cabum ma... [CABUM MA] machalabum... macha... [CHALABUM]

102 NARA: ó o tanto que a gente escrevemo Be... (APONTANDO PARA O TEXTO)

103 ISABEL: tô... a gente?

104 NARA: é... é... você...

105 ISABEL: machalabum... joo... gue a mágica... essa mágica... jogue essa mágica... na mãe... na mãe dessa criança...

Como pode ser observado no TD, no momento da discussão, Nara acaba mencionando que já haviam escrito bastante, porém, como Isabel era a responsável por escrever no momento, logo demonstrou insatisfação pelo êxito ser atribuído as duas (através da identificação do OT “a gente”, proferido por Nara) e, utilizando a entonação, ao repetir as palavras “a gente” (demonstrando seu sentimento em relação ao que foi mencionado pela

²¹No presente TD há dois acontecimentos de rasura oral. O primeiro em que o objeto textual (OT) ocorre na expressão “zabumbacalabumba”, e é identificado por Isabel, após a pronúncia de Nara. E o segundo, em que o OT cai sobre os termos “a gente”. Para exemplificarmos, utilizamos apenas a última ocorrência.

parceira), provoca em Nara uma atitude, ou seja, a aluna logo percebe a insatisfação e se corrige em seguida: “é... é... você”. No exemplo, percebemos o papel que a entonação exerce no ato enunciativo, ela exige do ouvinte uma tomada de decisão, provocando uma reação muitas vezes automática, pois como está no exemplo, Nara se corrige e a discussão sobre a história continua, não há um retorno sobre o que foi dito.

No próximo tópico discutiremos sobre a entonação expressiva com base em Bakhtin. É interessante apontar que, como a entonação revela os sentidos das palavras e, retomando a entonação na constituição dos significados, o falante verbaliza, comunica e estabelece uma valorização ou apreciação do enunciado através da entonação expressiva que, na maior parte do tempo, é determinada pela situação imediata em que ocorrem (BAKHTIN, 2011). Sendo assim, a entonação expressiva demonstra emoções, desejos, etc. dos falantes, ademais, com o intuito de enfatizar ainda mais a intenção do sujeito, ela vem acompanhada da repetição, como pode ser observado em nossos textos dialogais.

2.4 A entonação expressiva em Bakhtin

Na sessão anterior, fizemos um percurso sobre a entonação, suas funções e sua importância para o nosso estudo. A partir de agora, discutiremos sobre a entonação expressiva, visto que, ao longo da pesquisa, percebemos que todos os nossos dados comportam esse tipo de entonação. Para a nossa discussão, buscamos as contribuições de Bakhtin (2011), uma vez que esse autor apresenta considerações interessantes acerca da entonação expressiva no discurso.

Bakhtin foi um filósofo e pensador russo que se dedicou de forma incessante à pesquisa sobre a linguagem humana. O autor se destacou principalmente pelos seus estudos sobre polifonia e dialogismo, porém nos deteremos à discussão que o autor apresenta, no livro *Estética da criação verbal*, sobre entonação expressiva, pois essa discussão apresenta subsídios interessantes para discutirmos sobre o papel da entonação no processo de escrita a dois, bem como para entendermos o papel da repetição nesse processo.

Bakhtin (2011, p. 283), ao tratar sobre os gêneros do discurso, apresenta uma questão importante acerca da entonação, enfatizando, principalmente, a entonação expressiva. O autor afirma que “toda uma série de gêneros sumamente difundidos no cotidiano é de tal forma padronizada que a vontade discursiva individual do falante só se manifesta na escolha de um determinado gênero e ainda por cima na sua entonação expressiva”. Desse modo,

percebemos que o sucesso da comunicação está associado não apenas ao gênero elegido pelo falante, mas, também, pelo uso de uma entonação expressiva. Como Bakhtin (2011) afirma, a vontade discursiva está atrelada à escolha de um determinado gênero e leves nuances de uma entonação expressiva, assim, o falante pode assumir um tom ríspido ou afetuoso, alegre ou triste, etc. Estando a entonação expressiva no campo do enunciado e não da palavra.

Um dos meios de expressão da relação emocionalmente valorativa do falante com o objeto da sua fala é a entonação expressiva que soa nitidamente na execução oral. A entonação expressiva é um traço constitutivo do enunciado. No sistema da língua, isto é, fora do enunciado, ela não existe. Tanto a palavra quanto a oração enquanto *unidades da língua* são desprovidas de entonação expressiva. Se uma palavra isolada é pronunciada com entonação expressiva, já não é uma palavra mas um enunciado acabado expresso por uma palavra [...] (BAKHTIN, 2011, p. 290).

Com isso, Bakhtin quer dizer que determinadas expressões têm um sentido cada vez que são proferidas, que não dependem apenas das variações psicológicas do emissor e dos aspectos linguísticos da enunciação, mas do contexto extraverbal, ou seja, leva-se em consideração a entonação expressiva e o contexto socialmente determinado. No objeto da presente pesquisa, em que buscamos compreender o papel exercido pela entonação, quando uma díade de alunas discute sobre o que escrever, a discussão de Bakhtin é bastante pertinente, pois, durante o processo, em que as alunas estão envolvidas, há um jogo, as palavras são escolhidas e lançadas com certa intencionalidade, com determinada expressão, como afirma Bakhtin (2011), ao escolhermos as palavras, procedemos de um conjunto projetado do enunciado, sendo esse conjunto sempre expressivo, e é ele que erradia a nossa expressão, o significado da palavra não é, de imediato, expressivo, porém pode corresponder, ou não, à nossa intencionalidade expressiva, através do conjunto de nosso enunciado.

Uma questão interessante, é que esse tipo de entonação pode vir acompanhado da repetição do que foi enunciado anteriormente. Assim, observamos nos nossos dados, que os alunos nem sempre escolhem palavras diferentes para expressar aquilo que almejam. Na realidade, eles fazem uso do que já foi enunciado pelo locutor com a intenção de demonstrar insatisfação, dúvida, entre outros sentimentos, porém, o papel da entonação é fundamental para diferenciar o dizer de cada falante. É ela que vai fazer com que a repetição de uma palavra ou frase não seja interpretada como algo tautológico, mas com sentido próprio, específico.

No próximo capítulo abordaremos os aspectos norteadores do nosso trabalho: a rasura oral, nosso objeto de investigação; e a escrita colaborativa, que nos permite investigar com mais profundidade o processo de escritura através da interação e discussão da díade,

possibilitando-nos demonstrar que a escrita é uma atividade complexa e que engloba uma série de fenômenos que merecem estudo.

CAPÍTULO 3

Rasura Oral e Escrita Colaborativa: um elo essencial

A rasura [...] para o movimento do pensamento e da escritura e abre um mundo ao escritor... (Philippe Willemart)

No capítulo 2 discutimos sobre dois conceitos importantes para esta investigação, pois eles nos ajudam a compreender o funcionamento da rasura oral: repetição e entonação. Iniciamos a discussão abordando a repetição, pois este elemento está presente em todos os textos dialogais apresentados ao longo da nossa discussão. Além disso, esclarecemos que estamos tratando da repetição do ponto de vista lexical, pois, como demonstramos, as palavras ou frases se repetem, mas o sentido não²². Sendo assim, utilizando o aporte teórico de autores como Koch (2002), Marcuschi (2015), Ramos (1983), tratamos da repetição e suas funções na fala, evidenciando que, na maioria das vezes, o falante repete com uma intenção. Assim, ainda de acordo com os autores, a repetição é um elemento essencial ao ato enunciativo, como aponta Marcuschi (2015), os segmentos repetidos podem ser de dois tipos: autorrepetições e heterorrepetições. Durante a análise dos nossos dados, observamos que em todos os fragmentos há heterorrepetições, quando o interlocutor repete elementos enunciados anteriormente pelo locutor.

Após abordarmos a repetição, inserimos a prosódia em nossa discussão, uma vez que os termos prosódia e entonação são facilmente confundidos como sinônimos, o que não é verdade, visto que a entonação é um elemento prosódico, ou seja, insere-se em seus estudos. Após essa distinção, e ainda nos referindo à prosódia, discorreremos sobre algumas diferenças de ordem teórica e apresentamos suas características do ponto de vista fonético, mostrando que a prosódia pode ser entendida em três dimensões: articulatória, auditiva e acústica. Todo esse percurso nos ajudou a compreender com mais propriedade a entonação e suas funções na fala, pois observamos ao longo de nossa pesquisa que a entonação não se limita à correta acentuação das palavras, como apontam os autores Aguiar & Medeiro (2007), Barbosa (2010, 2012), Cagliari (1992), entre outros, a entonação também é responsável por expressar atitudes do falante, o que nos levou à entonação expressiva. No caso específico do nosso trabalho, esse tipo de entonação é observado em todos os textos dialogais e está sempre acompanhado da repetição.

²²Essa questão será aprofundada na análise dos dados.

Ao longo das discussões, observamos que os dois elementos abordados (repetição e entonação) fazem parte do processo de comunicação e, além de suas múltiplas funções, podem ajudar o falante a expressar determinados sentimentos, emoções e, também, provocar atitudes. Em relação ao processo de escritura a dois, esses dois fenômenos juntos podem repercutir em alterações no percurso do texto, através das rasuras orais. Desse modo, no próximo tópico discutiremos sobre o elemento central da nossa investigação: a rasura oral, apontando suas peculiaridades e importância para os estudos da escritura em pares.

3.1 A rasura oral no processo de escrita colaborativa

A partir dos estudos da Genética Textual, elementos que antes eram ignorados e tratados de forma negativa, passam a ter valor essencial para compreender a gênese e o processo realizado pelo escritor durante a escritura do texto. O manuscrito e a rasura ganham destaque, o primeiro por comportar as marcas, pistas, deixadas ao longo do percurso, e a segunda por apontar as tensões intrínsecas ao ato de escrever. A partir dos avanços teóricos e metodológicos, o manuscrito e a rasura ganharam destaque, sobretudo a rasura por revelar a “intimidade” do escrevente. Além do mais, os trabalhos de Calil (1998; 2008; 2012; 2016), Calil e Felipeto (2000) e Felipeto (2008) apontam outra dimensão da rasura, além daquela restrita à folha de papel, nas palavras de Calil:

a rasura oral identificada a partir da associação e sincronização entre o manuscrito em curso e manuscrito final é um poderoso fenômeno coenunciativo para mapear e entender os caminhos dos processos de criação e de escritura, ainda que nem sempre os elementos enunciados sejam inscritos no produto acabado (2016, p. 535).

Tratando-se da escrita a dois, em que a díade deve discutir colaborativamente sobre a formulação de um mesmo texto, as rasuras produzidas durante esse processo possuem grande relevância para os estudos da escrita. Segundo Felipeto (2008, p. 13), “a rasura, seja ela “oral ou escrita, é a possibilidade da reformulação, daí ela ser fundamental no processo de produção textual em sala de aula ou fora dela”. Assim, acompanhando o pensamento da autora, podemos afirmar que a rasura é um fenômeno imprescindível no processo de escritura e se destaca principalmente através das marcas deixadas no papel, porém não se limita a ele, uma vez que a rasura nem sempre é visível. Calil (1998; 2008; 2012; 2016), um dos primeiros a se debruçar sobre o estudo da escrita a dois e das rasuras em manuscritos escolares no Brasil, aponta que em seus trabalhos iniciais a rasura ganhou destaque por se apresentar como

um fenômeno relacionado à dimensão criativa e recursiva da escritura realizada em sala de aula.

Através de uma metodologia específica (em que uma câmera é posicionada estrategicamente na frente da díade, fazendo com que o processo seja capturado, além de gravadores de voz que permitem ao pesquisador ouvir com mais precisão o processo), é possível captar além das rasuras gráficas, deixadas em formas de marcas (borrões, riscos, entre outros sinais que marcam apagamento, substituição, etc.), uma vez que observando o diálogo da díade, podemos ter acesso ao que os alunos estão pensando sobre a história que estão criando e, conseqüentemente, acessamos as idas e vindas do texto, seus percursos até o produto final e seus apagamentos, orais e escritos. Esse tipo de coleta, técnica desenvolvida por Calil desde 1989, fomentou inúmeras pesquisas relacionadas ao processo de escritura e seus fenômenos, principalmente no que se refere à rasura. Assim, a rasura oral foi ganhando destaque, visto que só podemos observá-la através da análise dos diálogos estabelecidos pelas díades, uma vez que o produto final não dá conta de todos os fenômenos que estão envolvidos na escrita de um texto.

Assim, através de seus estudos, Calil (1998; 2008; 2012; 2016) observa algumas operações metalinguísticas que em muito se assemelham às rasuras gráficas, mas que só podem ser observadas na oralidade, através da análise do processo de escritura da díade. A essas operações, o autor nomeou de *rasuras orais*.

As rasuras orais estão presentes durante o processo de escritura em pares, uma vez que ao discutir, as duplas acabam divergindo, refletindo, etc., acerca do que pode, ou não, ir para o papel. Vale ressaltar que a rasura oral, assim como a gráfica, marca um apagamento, algo que foi dito, mas não foi assegurado por diversos motivos. É interessante apontar que, sobre a rasura oral, Calil (2008) esclarece que no processo de combinação de um texto, a rasura oral não pode ser confundida com reformulação oral, já que esse processo apresenta algumas peculiaridades.

As rasuras orais, nessas condições de produção, parecem trazer uma particularidade que as distancia das reformulações orais, pois o fato de os alunos estarem falando algo para ser escrito interfere na própria possibilidade de enunciação. Não se reformula considerando somente aquilo que se acabou de falar, mas também aquilo que já foi efetivamente escrito e que pode sofrer diferentes formas de rasura escrita ou, ainda, aquilo que se disse em relação ao que poderá ser escrito (CALIL, 2008, p. 55).

Desse modo, seguindo o raciocínio do autor, o que distingue a rasura oral da reformulação está relacionado às condições de produção, quando o aluno rasura oralmente ele

faz isso no aqui e agora, de maneira praticamente instantânea, assim como um escrevente que rasura uma palavra na folha de papel e continua seu percurso, imerso na atmosfera gerada pela escrita. Através de sua caracterização coenunciativa possibilitada pela escritura a dois, a rasura oral conserva o dizer automático e partilhado, indicando o modo como o aluno pode alterar aquilo que ainda será escrito no manuscrito em curso (CALIL, 2016).

Calil (1998; 2008; 2012;2016) e Felipeto (2008; 2010) vêm ao longo do tempo ampliando os estudos acerca da rasura oral. No trabalho “Rasuras e operações metalinguísticas: problematizações e avanços teóricos”, Calil e Felipeto (2000) ampliaram o termo rasura oral, para rasura oral comentada (ROC), e estabeleceram a seguinte estrutura:

$$A = X$$
$$B = [X] (\text{NÃO}) + Z$$

Assim, os autores adotando a rasura oral como forma particular presente no processo de escritura em pares e os comentários como objeto de análise, temos A e B representando os interlocutores (a dupla), X é o objeto do discurso²³ (o que está sendo discutido no momento) e a sentença [X] (NÃO) + Z é a representação do comentário acerca das enunciações e se refere ao(s) objeto(s) em evidência no discurso. Assim, na sentença temos a negação, ou apagamento, seguido de um comentário (Z) que pode ser de ordem pragmática, ortográfica, lexical, semântica, sintática, textual, gráfico-visual, gráfico-espacial e de pontuação.

Identificamos no texto dialogal (TD) estabelecido entre os alunos, o reconhecimento de “objetos textuais” por um dos locutores. Esta identificação considerou o modo como o locutor tratava um objeto textual (OT), alterando-o em relação ao que já havia sido inscrito ou reformulando - para que possa ser inscrito no manuscrito em curso. **Na rasura oral comentada, essa identificação caracteriza-se por uma interrupção feita pelo locutor do fluxo narrativo e escritural, um “retorno” sobre o OT identificado, sucedido por comentários referentes a ele**²⁴ (CALIL, 216, p. 536).

É interessante destacar que os objetos textuais são notáveis através da voz do falante no momento exato da enunciação. Além disso, referindo-nos à rasura, vale ressaltar que não é possível prever o momento de seu surgimento, ela só pode ser identificada num

²³Em um estudo posterior, Calil (2016) esclarece que o termo “objeto textual” é mais adequado do que “objeto do discurso”, pois o primeiro se refere a todo elemento gráfico, linguístico ou discursivo relacionado de forma direta o texto em curso e identificado pelo escrevente como um elemento sujeito a acréscimo ou alteração. Doravante, concordando como autor, adotaremos o termo objeto textual.

²⁴Grifo nosso.

determinado ponto do processo através da observação de um retorno, que pode resultar, ou não, em marcas gráficas (CALIL, 2016).

A identificação dos objetos textuais durante a escrita colaborativa pode ocorrer através de comentários sobre estes objetos, “a correlação estabelecida entre os objetos textuais e comentários caracterizaria formas de manifestações da rasura oral” (CALIL, 2016, p. 537). Desse modo, no presente trabalho, dedicamo-nos apenas a compreender o funcionamento da rasura oral através da repetição e entonação, visto que em trabalhos anteriores (em nível de graduação) observamos que esses dois elementos estão presentes em algumas manifestações da rasura oral.

Durante a análise dos dados, observamos que o funcionamento da rasura oral que investigamos acontece através da manifestação da repetição e da entonação expressiva. Como aponta Marcuschi (2015), os falantes muitas vezes utilizam a entonação expressiva para gerar uma contraposição com base na repetição. Assim, observamos que os alunos usam a entonação expressiva junto com a repetição com o intuito de provocar no outro uma reflexão, uma atitude que pode, muitas vezes, resultar em rasuras orais, ocasionando uma mudança, uma alteração no texto. Neste sentido, é natural que os alunos façam uso desses elementos durante a negociação na construção do texto. Sobre esta questão, Bakhtin (2011) afirma que os enunciados dos outros podem ser recontados de várias formas e podem ser assimilado de maneiras diferentes, pois o fato de uma pessoa repetir uma frase de outra não significa que o sentido que ela esteja empregando seja o mesmo, é o que ocorre nas rasuras orais.

[...] na seleção de recursos linguísticos e entonações, determinada não pelo objeto do próprio discurso mas pelo enunciado do outro sobre o mesmo objeto [...] através deles se determina também o destaque dado a determinados elementos, as repetições e a escolha de expressões mais duras (ou, ao contrário, mais brandas); determina-se também o tom.; **a expressão do enunciado nunca pode ser entendida e explicada até o fim levando-se em conta apenas o seu conteúdo centrado no objeto e no sentido**²⁵. (BAKHTIN, 2011, p. 297).

A partir disso, é interessante ressaltar mais uma vez a inclusão da repetição no nosso estudo. Quando tratamos deste elemento, estamos nos referindo ao léxico, as palavras, frases são repetidas, porém vale deixar claro que, do ponto de vista enunciativo, não há repetição, uma vez que o discurso é irrepitível. Por este motivo, podemos observar a manifestação da rasura oral, pois, ao repetir os termos, o aluno faz uso da entonação com o intuito de diferenciar o seu discurso e deixar clara sua opinião ou desacordo, por exemplo.

²⁵ Grifo nosso.

Dessa maneira, podemos compreender que há sempre uma intenção por trás da entonação expressiva e ao utilizá-la, o locutor pode provocar no interlocutor uma atitude. Portanto, o aluno ao produzir uma rasura oral também tem uma intenção, nesse caso específico, essa intenção gera um apagamento, uma mudança, uma tomada de decisão que repercute no percurso do texto, no entendimento da gênese.

É interessante salientar que as rasuras orais só podem ser identificadas no processo de escrita colaborativa e através de uma metodologia específica, como a que utilizamos para a coleta de dados, pois seria muito complicado, ou impossível, perceber estas marcas em um processo individual, salvo que o falante esteja o tempo inteiro expressando seu pensamento verbalmente, tarefa que geralmente não é observada nesse tipo de processo, pois a falta de interação com outro indivíduo acaba gerando entraves, além de não ser uma situação ecológica, uma vez que raramente alguém fica falando enquanto escreve (principalmente no contexto de sala de aula). Desse modo, ao longo da pesquisa, a partir da análise dos dados, foi observado que a interação é essencial para o acontecimento da rasura oral, pois para que elas ocorram é necessário que os alunos discutam entre si, gerem tensões que possibilitem os apagamentos, os retornos sobre o que vai para o papel. No próximo tópico discutiremos sobre esta questão, porém discorreremos primeiro sobre a escrita colaborativa, uma vez que é o ato de escrever a dois que nos permite observar e compreender a rasura oral.

3.2 A escrita colaborativa

Poucos estudos têm investigado questões relacionadas à natureza do trabalho realizado em colaboração, principalmente, quando alunos escrevem conjuntamente um único texto. A escrita colaborativa, também chamada de “redação conversacional” (GAULMYN, 1994), “escrita em dupla”, em “díades” ou em “pares” não é objeto que tem atraído o interesse de muitos investigadores no Brasil (CALIL, 2012 e FELIPETO, 2008), ao contrário do que acontece em países como a França (BOUCHARD & MONDADA, 2005; GAULMYN, BOUCHARD & RABATEL, 2001, dentre outros) e os Estados Unidos (YARROW & TOPPING, 2010; WIGGLESWORTH & STORCH, 2009, dentre outros).

No Brasil, as investigações direcionadas à escrita colaborativa em sala de aula são recentes, sendo Calil e Felipeto, da Universidade Federal de Alagoas, os principais precursores dessa temática, com trabalhos que abordam a importância da escrita a dois e os processos que envolvem essa escrita (CALIL, 1998, 2012; FELIPETO, 2008).

A escrita colaborativa é uma atividade que proporciona aos envolvidos a troca de conhecimento, uma vez que durante a escritura de um texto os alunos costumam se deparar com “problemas” que exigem posicionamentos, explicitações, argumentos pertinentes, entre outros fatores que podem proporcionar aprendizado. Além disso, a interação com o parceiro pode resultar em reflexões e correções sobre língua escrita, como pode ser percebido no texto dialogal dos nossos dados:

Nara: "- (apontando a palavra ‘vez’) É 's' por acaso?"

Isabel: "- Ah! (fazendo do ‘s’ um ‘z’)"

O OT, neste caso, incide sobre a palavra “vez” que já está inscrita no papel e é identificada por Nara. Ao perceber o erro, a parceira questiona Isabel: “É ‘s’ *por acaso?*”. No pequeno recorte do texto dialogal, observamos que a intervenção de Nara ajudou Isabel a corrigir seu erro ortográfico, erro que poderia ter passado despercebido se não fosse o fato de estar escrevendo em colaboração. No que se refere a essa questão, Barbeiro (2007) afirma que:

A correção ortográfica constitui um dos domínios suscetíveis de emergir no diálogo entre os sujeitos, logo no interior do processo, uma vez que neste se torna necessário dar uma representação gráfica às palavras, à medida que o texto vai sendo escrito. Em relação a essa representação, podem surgir dúvidas que os sujeitos procurarão resolver recorrendo aos companheiros (p. 111).

Esse fato é observado com facilidade nos nossos dados, os alunos tentam a tirar dúvidas uns com os outros. Além disso, é interessante apontar que durante o processo de escritura os alunos não se limitam a correções da ortografia, uma vez que eles também discutem sobre o conteúdo do texto, expressões linguísticas, entre outras questões que exigem a atenção e a interação dos sujeitos para que a atividade seja realizada adequadamente (BARBEIRO, 2007).

Murray (1992) ao tratar sobre a escrita colaborativa em grupo, afirma que para que uma atividade possa ser realizada com sucesso é interessante que os alunos tenham um objeto comum que irá orientá-los a realizar a tarefa de maneira eficaz. Ainda de acordo com a autora, é interessante que os alunos envolvidos possuam conhecimentos diferentes, pois isso facilitará a autenticidade da comunicação, estimulando a negociação de questões relacionadas ao texto. Assim, o fato de os alunos possuírem conhecimentos diferenciados contribui para que um busque apoio no outro, solicitando as informações necessárias para que juntos construam o seu conhecimento. Na escrita a dois não é diferente, pois elaborar um texto em

colaboração exige dos sujeitos uma troca, além disso, cada aluno traz consigo uma bagagem diferenciada. Corroborando com esta questão, Barbeiro (2007, p. 111) afirma que:

A escrita colaborativa, na modalidade de realização conjunta e em co-presença de uma tarefa de escrita, coloca em interação sujeitos diferenciados, com níveis de competências diversos em relação à escrita, incluindo os níveis de competência ortográfica. A interação que tem lugar orienta-se para a necessidade de dar resposta à diversidade de problemas encontrados no processo, entre eles, a geração de conteúdo, a organização textual, a formulação linguística e a respectiva adequação e correção

De acordo com Storch & Wigglesworth (2009), quando aliado a uma didática eficaz, o trabalho em pares ou em grupos pode ter vários benefícios. No estudo realizado pelas autoras, em que participaram da investigação 144 voluntários, dos quais 96 escreveram em pares e 48 individualmente, foi observado que os textos escritos em dupla são mais precisos, no que se refere ao tema abordado, quando comparados aos textos produzidos individualmente. Ademais, as investigadoras chegaram à conclusão que trabalhar em par proporciona oportunidades de aprendizagem.

A escrita colaborativa possibilita aos envolvidos o desenvolvimento de habilidades, uma vez que a aprendizagem da escrita é uma etapa muito significativa na vida do aluno, pois o ato de escrever possibilita reflexão acerca da língua e dos elementos linguísticos que a compõem. E quando realizada em dupla, o aluno, além de pensar sobre a língua, consegue desenvolver habilidades discursivas, argumentativas, etc. Por essa razão, alguns pesquisadores defendem os trabalhos realizados em situações de interação, uma vez que esse tipo de didática fornece informações importantes para um bom desempenho de trabalho em sala de aula. Os alunos envolvidos apreendem que existem pensamentos diferentes dos seus que possibilitam a troca de novas ideias e reconsiderações de respostas, podendo levar, também, a reformulação, ou seja, o aprimoramento a partir da troca de conhecimentos (LEAL & LUZ, 2001). Também nessa perspectiva, Barbeiro e Pereira (2007, p. 10) mencionam que:

A interação que ocorre na escrita colaborativa permite apresentar propostas, obter reações, confrontar opiniões, procurar alternativas, solicitar explicações, apresentar argumentos, tomar decisões em conjunto. Quando ocorre entre pares, permite colocar em relação, no interior do processo de escrita, alunos com desempenhos diferenciados, o que possibilita a observação da forma como os companheiros resolvem os problemas que vão surgindo. A **colaboração** reflete-se, por outro lado, na vertente emocional – igualmente importante no estabelecimento da relação com a escrita – e no reforço do sentimento de **participação**.

À medida que lemos sobre a escrita a dois, percebemos que a interação é um fator essencial para que exista troca entre os alunos. Durante a nossa pesquisa, observamos que a interação é essencial no processo e que ela surge a partir do momento que os alunos estabelecem uma relação de identificação. Esse fato já foi constatado nos trabalhos de Calil (2012) e Felipeto (2008; 2010), pois os pesquisadores constataram que, quando não existe identificação entre a díade, o trabalho não flui da melhor forma, os alunos acabam se dispersando da atividade.

No que se refere à interação, a partir de um pensamento vinculado ao Interacionismo Simbólico, vertente que se dedica ao estudo da interação, destacando a linguagem como mecanismo básico que atinge a mente e o eu do indivíduo, Primo (2000, p.3) afirma que “de acordo com essa perspectiva, a mente, o eu e a sociedade são processos de interação pessoal e interpessoal; os comportamentos são construídos pela pessoa durante o curso da ação, logo o comportamento não é reativo ou mecanicista; a conduta humana depende da definição da situação pelo ato”. Completando, Watzlawick, Beavin e Jackson (1993), ao se referirem à interação afirmam que cada comportamento individual é afetado pelo comportamento dos outros, assim, a interação seria a troca de mensagens complexas, uma vez que para esses autores todo comportamento é comunicação.

Nos nossos dados, a interação ocorre no momento que os alunos estão juntos discutindo sobre o que escrever. Senso assim, percebemos que quando há pouca interação (diálogo, argumentação, negociação, comunicação, etc.) entre as alunas, o número de rasuras orais, provocadas pela repetição e entonação, é menor. Para que este tipo de rasura seja gerada, é interessante que os alunos criem tensões em torno do que estão discutindo, pois as tensões exigem posicionamentos dos sujeitos envolvidos.

Assim, para a escrita colaborativa ser (de fato) eficaz, evidenciando todos os elementos que citamos (negociações, troca de conhecimento, argumentações, etc.) é necessário que a dupla escolhida tenha identificação, pois esse componente é responsável pelo estabelecimento de diálogos durante o processo. No processo de escrita a dois, tudo acontece por meio da linguagem, sem ela não há troca, não há aprendizado, tampouco, rasura oral.

Desse modo, tivemos a oportunidade de constatar em nosso trabalho que quando a dupla não interage muito ou até mesmo quando um dos alunos assume uma postura passiva em relação à tarefa, o número de rasuras orais é baixo, chegando a não ocorrer em alguns casos. Percebemos, então, que a interação é essencial no processo de escritura e que os alunos precisam assumir uma postura ativa em relação à tarefa assumida. É a partir da argumentação,

da reflexão, entre outros fatores, que os fenômenos de ordem intelectual podem ser capitados, além disso, o fato de interagir com o outro, de expor suas dúvidas e argumentações podem ajudar o aluno a adquirir experiência e conhecimento ao longo de sua vida escolar.

No próximo capítulo, apresentaremos a análise e discussão dos dados coletados e esclareceremos algumas questões em relação à rasura oral.

CAPÍTULO 4

Uma metodologia para a escrita a dois

O percurso que realizamos até aqui, procurou mostrar o campo da Linguística da Enunciação e sua importância para o nosso estudo, visto que os dados são capturados em tempo real e a fala espontânea dos alunos é o nosso ponto de análise, de modo que não poderíamos falar de rasura oral sem antes nos debruçarmos sobre uma teoria enunciativa. Também, discutimos sobre a Genética Textual, por seu aporte no que se refere à gênese do texto e por seus conceitos de rasura e manuscritos, elementos imprescindíveis para a realização do nosso trabalho. Além dessas grandes áreas do conhecimento, buscamos apoio nas discussões sobre repetição e entonação, elementos importantes para entendermos como ocorre este tipo de rasura oral no processo de escritura a dois.

Antes de partirmos para a análise e discussão dos dados, no próximo capítulo, apresentaremos a contextualização do corpus, o procedimento de coleta e tratamento dos dados, o que possibilitará ao leitor compreender de forma mais abrangente o percurso que realizamos para chegarmos aos resultados desta pesquisa.

4.1 Metodologia

4.1.1 O *corpus*

O *corpus* analisado foi obtido a partir do banco de dados Prática de Textualização na Escola (PTE), pertencente ao Laboratório do Manuscrito Escolar (L'ÂME), ambos coordenados pelo pesquisador Eduardo Calil (CEDU/PPGE/Pesquisador CNPq). Os dados são compostos por vídeo, áudio, transcrição e manuscrito. Para a presente pesquisa foram analisados 18 processos, de uma díade recém-alfabetizada (Isabel e Nara) da Escola da Vila, da rede particular da cidade de São Paulo-SP, no período de junho de 1991 a novembro de 1992, compreendendo o 1º e 2º ano do Ensino Fundamental respectivamente.

4.1.2 Procedimento de coleta e tratamento dos dados

Para a coleta, é interessante destacar que, mesmo havendo o registro do processo de escritura através de uma câmera, procuramos manter as condições ecológicas da sala de aula, no intuito de capturar a situação de forma real. Todos os processos foram realizados em

situações de produção de texto, para tanto, o pesquisador solicita às alunas que escrevam colaborativamente uma história inventada.

No que se refere aos procedimentos da coleta, com base em Calil (2008), o primeiro passo diz respeito à entrega de um projeto didático à escola, a proposta busca propiciar a leitura e a produção de textos, além de propor um trabalho de formação continuada e acompanhamento pedagógico que envolva professores e coordenadores. Após a escola aceitar o projeto, o segundo passo diz respeito à criação de um ambiente letrado na própria sala de aula com intensa circulação de textos, principalmente os gêneros contemplados pelo projeto didático²⁶. Depois desses procedimentos, inicia-se o trabalho de filmar a díade encarregada de combinar e escrever uma história inventada. As filmagens, atualmente, ocorrem em média a cada quinze dias²⁷ e envolve toda a sala de aula, professor e alunos, porém o foco principal é a díade escolhida para participar da coleta. Vale salientar que há um acompanhamento voltado à dupla durante o desenvolvimento do projeto, além de não haver nenhum tipo de censura, correção ou imposição ao que os alunos se propõem a escrever. Após toda a coleta, os dados são transcritos, os manuscritos são digitalizados e todo o material é organizado e armazenado no banco de dados.

No que se refere à filmagem do processo, inicialmente a tarefa é explicada aos alunos que, em seguida, após a certificação de que os equipamentos estão funcionando adequadamente, começam a combinar a história. Após o momento de combinação, uma folha de papel e uma caneta são entregues aos alunos e eles começam a escrever a história. No processo, cada aluno tem uma tarefa específica, enquanto um fica encarregado de escrever, o outro fica responsável por ditar e ajudar o colega, a cada processo os papéis são invertidos, de forma que cada aluno passa pelas duas experiências. Evidentemente, durante a escritura há várias interferências, de modo que nem sempre o aluno incumbido por escrever é responsável por todas as marcas do texto e, mais uma vez, esse fatos só podem ser observado porque temos acesso ao processo.

Para identificar as rasuras orais, analisamos as 18 transcrições e seus respectivos processos. É possível identificar as rasuras através da transcrição, porém, em casos específicos temos que recorrer à filmagem para esclarecer eventuais dúvidas, principalmente pelo fato de estarmos trabalhando com a entonação.

²⁶ É interessante esclarecer que o *corpus* utilizado foi coletado no período em que o pesquisador (Calil) ensinava na Escola da Vila, sendo ele mesmo o responsável pela coleta dos dados.

²⁷ Embora atualmente as filmagens ocorram em média a cada quinze dias, o interstício entre cada história coletada no *corpus* analisado no nosso trabalho foi de aproximadamente um mês.

A tabela a seguir mostra os dados analisados e o responsável por escrever a história. Utilizamos as iniciais dos nomes das alunas, assim I corresponde a Isabel e N a Nara. Como pode ser observado, por estar mais avançada no processo de alfabetização, Isabel escreveu a maioria dos textos:

Tabela 1: Processos Analisados

Título da história	Responsável por escrever	Número de rasuras orais
A madrasta e as duas irmãs	I	2
As duas irmãs	N	X
A rainha comilona	I	X
A menina dos olhos azuis	I	X
Os três todinhos e a dona sabor	I	2
Um fim de semana atrapalhado	N	X
A princesa e a pedra encantada	I	1
O guarda roupa mágico	I	2
Capitão feio contra-ataca	N	1
O pequeno vampiro	I	X
Uma casa na floresta	N	X
Menina espolete	N	X
Saco	I	X
João contra os meninos da rua	I	X
A mãe má	I	5
A família F atrapalhada	N	1
Pedro e seus pensamentos	I	3
Os três irmãos	N	1
TOTAL DE RASURAS		18

Tabela elaborada pela autora, 2016.

Através da tabela, podemos perceber que as rasuras orais não foram identificadas em todos os processos, fator que pode estar relacionado à interação²⁸, pois nos processos que apresentam mais discussões entre as alunas foram identificados um número maior de rasuras

²⁸Não podemos afirmar que a interação está diretamente relacionada à ausência de rasuras orais, provocadas pela repetição e entonação, em alguns processos. Porém, podemos apontar que a qualidade da interação é um fator essencial para os trabalhos que investigam o processo de escrita.

orais provocadas pela repetição e entonação. A interação sempre foi destacada nos trabalhos de Calil (1998; 2008) e Felipeto (2008; 2010), tanto é que durante a escolha das duplas um dos critérios é a afinidade existente entre os alunos, além de falta de inibição diante da câmera e ser recém-alfabetizado. No próximo capítulo apresentaremos a análise dos dados e discutiremos com base nos aportes teóricos que discorremos nos capítulos anteriores.

CAPÍTULO 5

Dialogando com os dados

Com base no referencial teórico apresentado nos capítulos anteriores, procuraremos evidenciar a relação entre repetição e entonação no funcionamento da rasura oral, mostrando que a união destes elementos é capaz de gerar no sujeito, durante o processo de escritura, atitudes que podem mudar o percurso do texto.

No decorrer da discussão, mostraremos alguns textos dialogais retirados do *corpus* e, também, acrescentaremos partes do manuscrito final para que o leitor possa observar a mudança no percurso da história através dos apagamentos (rasuras).

O primeiro texto dialogal (TD) apresentado foi retirado da história “Os três todinhos e a dona sabor”²⁹. Neste TD observamos que o objeto textual (OT) recebe comentários de valor semântico, a discussão entre as alunas gira em torno do sentido das palavras “sozinha” e “triste”.

TD_ 6º processo (manuscrito “Os três todinhos e a dona sabor”) – 28/11/91

423 ISABEL: (PARANDO DE ESCREVER.) "- Ai, deu um nó na minha garganta." (PONDO A MÃO NA GARGANTA.) ...Então só falava... você nem imagina... então só falava... bom... você nem imagina. (ESCREVENDO.) você nem... imagina... (ACABANDO DE ESCREVER.) de repen... não. A mãe era... ficava muito triste, né?... foi uma choradeira... daí apareceu uma fada de repente... daí eles ficaram com medo, né?... apareceu uma fada, né?"

424 NARA: "- Eles nunca tinha visto fada."

425 ISABEL: (ESCREVENDO.) "- ...a mãe... a mãe... (FLEXIONANDO A VOZ.) tava tão solitária..."

426 NARA: "solitária??"³⁰

427 ISABEL: "- Não. tava... tava... solitária quer dizer sozinha então não tem nada a ver. (ESCREVENDO.) tava... tava... tão triste que os filhos dela só falavam..."

²⁹ Calil (2016), em seu trabalho “O sentido das palavras e como elas se relacionam com o texto em curso: estudo sobre comentários semânticos feitos por uma díade de alunas de 7 anos de idade”, apresenta uma discussão interessante e aprofundada deste texto dialogal.

³⁰ As partes com duplo sublinhado (S) indica a acentuação da entonação.

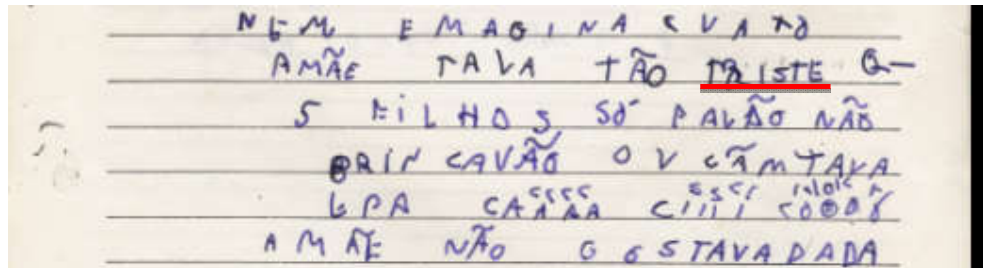
428 NARA: "- ...e não brincavam... (ISABEL ESCRREVENDO "A MÃE TAVA TÃO TRISTE Q(UE)? (O)S FILHOS SÓ FALÃO" E FAZENDO UM GESTO PARA NARA ESPERAR.)... eu já tive uma idéia. Cóquicócóco... Eles..."

Como podemos observar através da transcrição, Nara estranha a inclusão da palavra solitária e a destaca do discurso de Isabel, “*Solitária?*”. A identificação do OT, de ordem semântica, pela aluna, gera um momento de tensão durante a escritura, representado pelo comentário que vem em seguida de Isabel, “*Não. Tava... tava... solitária quer dizer sozinha então não tem nada a ver. Tava... tava... tão triste que os filhos dela só falavam...*”. Essa tensão resulta em uma reflexão, seguida de um apagamento. É interessante destacar que o estranhamento de Nara pode ser resultado do fato de Isabel, no turno 423, já ter mencionado a palavra triste, “[...] *A mãe era... ficava muito triste, né?*”, o que pode ter ajudado a parceira a identificar a “irregularidade” semântica que Isabel estava cometendo ao colocar “solitária” e “triste” como sinônimos.

Neste TD, destacamos o papel da repetição lexical da palavra e a entonação, pois, de forma interrogativa, Nara gera em Isabel uma reflexão, um posicionamento em relação ao uso da palavra solitária no momento da escritura. Vale destacar que em nenhum momento Nara levantou uma discussão sobre a inclusão, ou não, do vocábulo “solitária” para que Isabel refletisse e optasse por rasurá-lo e substituí-lo por “triste”. Porém, quando o falante está imerso no processo de conversação, ele recorre a diversos artifícios que auxiliam na forma como a mensagem será interpretada pelo ouvinte, entre esses artifícios, a função expressiva da entonação ganha destaque, pois como nos aponta Moraes (1982) e Paixão (2014), é este tipo de entonação que se manifesta e faz com que o interlocutor identifique atitudes, emoções do locutor, bem como provoque um efeito no ouvinte. Ainda, para dar mais destaque a sua intenção, Nara utiliza o termo enunciado anteriormente por Isabel. De acordo com Marcuschi (2015), o ato de aliar a repetição à entonação expressiva é recorrente na oralidade e ajuda o locutor a enfatizar seu propósito no momento da enunciação e alcançar seu objetivo.

Desse modo, a tensão gerada em torno do surgimento da palavra solitária, resultou em um apagamento, porém o mesmo só ocorreu na oralidade, pois a palavra não chegou a ser inscrita na folha de papel, como pode ser observado no recorte do manuscrito final:

Figura 1 – Estado do manuscrito escolar “Os três todinhos e a dona sabor”



Fonte: Banco de dados do Laboratório do Manuscrito Escolar

Sobre essa questão, acompanhamos o pensamento de Calil (2012), quando o autor destaca que quando se escreve a dois, a rasura não se limita a uma folha de papel, ela ocorre na oralidade, no aqui e agora. Notamos que no momento em que Isabel percebe o equívoco semântico que estava cometendo, ela provoca um apagamento seguido de uma substituição. É nesse momento que a rasura oral entra em ação.

Este tipo de rasura, na relação dialográfica, exerce uma função muito parecida com a rasura gráfica, uma vez que ela marca um apagamento ou substituição, como já destacamos. É interessante ressaltar que, por se tratar de uma escrita em colaboração, o outro (o companheiro de escrita) tem um papel fundamental, pois ele (o companheiro) pode ser o responsável por instaurar um momento de tensão entre o que vai ou não para o texto, uma vez que, em uma escrita individual, nem sempre o sujeito escrevente pausa para refletir sobre a utilização de uma palavra, por exemplo, principalmente no que se refere a sujeitos recém-alfabetizados. Por este motivo, o ato de Nara ganha destaque, pois, se não fosse sua intervenção, possivelmente, a palavra “solitária” seria inscrita no papel.

No próximo texto dialogal observaremos os efeitos produzidos a partir do retorno do enunciado sobre o seu próprio locutor. Ao ditar o início da história, Nara rompe uma certa regularidade, que é logo rebatida por Isabel através da “repetição” do próprio dizer de Nara, como pode ser observado:

TD_ 7º processo (manuscrito “A princesa e a pedra encantada”) – 26/02/92

25 ISABEL: Era uma vez um...

26 NARA: (SI) A gente tem que escrevê 'era uma vez'?

27 ISABEL: É... é... um príncipe? Era uma vez um príncipe e uma rainha..."

28 NARA: Era um dia... **era uma vez um dia... muito bonito...**

29 ISABEL: "- (RINDO.) Era uma vez um dia... ah! Vai Nara...

30 NARA: É vai...

31 ISABEL: (RINDO) Ô Nara... era uma vez um dia muito bonito? Ô Nara? Que que é isso?

32 NARA: Era uma vez um príncipe que morava...

33 ISABEL: Um príncipe e uma princesa e um rei que morava num castelo... [era uma vez um].

No presente TD, o objeto textual de ordem textual recai sobre a construção sintática “*era uma vez um dia muito bonito*”, identificada por Isabel. Logo no início da discussão, Nara interroga a parceira sobre a necessidade de iniciar a história com “era uma vez”, “*a gente tem que escrevê 'era uma vez'?*”, que logo responde afirmativamente sobre a necessidade de utilização dos termos. Assim, mesmo mantendo a estrutura inicial, Nara³¹ apresenta uma proposta diferente da que Isabel estava pensando, como podemos observar nos turnos 27 e 28. Demonstrando desacordo, Isabel comenta o enunciado de Nara repetindo as mesmas palavras, porém enfatizando melodicamente, “*era uma vez um dia... ah*”, o que não gera de início uma mudança em Nara, que insiste na proposta. Porém Isabel retoma novamente o enunciado de Nara de maneira ainda mais enfática, o que repercute no pagamento no turno seguinte.

Como pode ser observado, o OT em questão é de ordem textual, pois observamos que há uma insatisfação por parte de Isabel em iniciar a história com “era uma vez um dia muito bonito”. Por trás dos enunciados proferidos por Isabel nos turnos 29 e 31 há uma recusa que não é exposta através de uma discussão propriamente. Para demonstrar seu posicionamento, a aluna provoca na parceira uma tensão através do retorno de suas próprias palavras. Desse modo, corroborando com o pensamento de Aguiar e Medeiro (2007), as intenções do falante se refletem, muitas vezes, na linha musical da elocução, fazendo com que o ouvinte perceba sentimentos que são extravasados através da melodia da fala. Assim, além de utilizar a entonação para demonstrar seu desacordo, Isabel utiliza a repetição das palavras de Nara como uma ferramenta intensificadora.

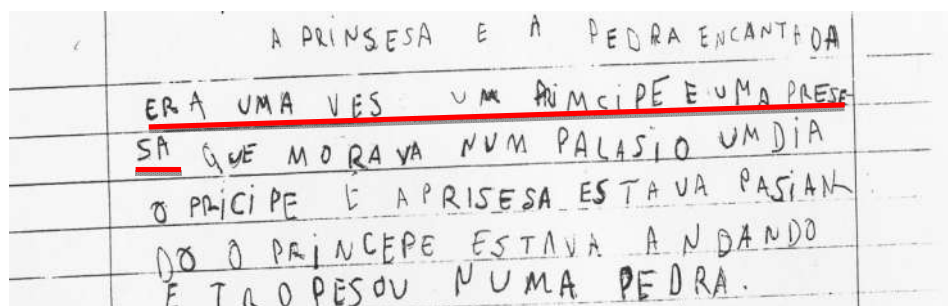
Embora no primeiro TD apresentado, o objeto textual incida sobre uma única palavra e neste ele repouse sobre uma frase inteira, os dois suscitaram rasuras orais, porém de formas diferentes. O primeiro, antes do pagamento, gerou uma reflexão em relação ao sentido da palavra, já o segundo gerou uma concordância, uma desistência de uma ideia por outra.

³¹ É interessante destacar que no TD discutido, Nara era responsável por ditar a história enquanto Isabel escrevia.

A união da repetição com a entonação nos possibilita compreender o porquê de autores como Silva (2007) afirmarem que o ato enunciativo é irrepitível, pois as palavras podem ser as mesmas sintaticamente, mas o sentido é alterado, uma vez que o momento em que são enunciadas não é o mesmo. Desse modo, Calil (2012), ao discutir sobre as características da rasura oral, afirma que sua caracterização principal está no retorno imprevisível sobre o enunciado proferido imediatamente, ou seja, ela é processual, ocorre no aqui e agora, no momento em que a díade está discutindo acerca do que vai ou não para o papel. Além disso, outra característica importante e que afasta ainda mais a rasura oral da reformulação é que, uma vez rasurado, os alunos seguem o curso da história sem discutir ou voltar ao ponto de tensão. Esse fato pode ser evidenciado a partir da continuação da discussão, no turno 32, em que Nara altera sua ideia inicial para “*era uma vez um príncipe que morava...*” e Isabel, alterando mais uma vez, acrescenta “*um príncipe e uma princesa e um rei que morava num castelo*”.

Mais uma vez, se observássemos apenas o manuscrito final, não teríamos acesso a toda a discussão que desencadeou o desabrochar da história, visto que as alunas não deixaram marcas, como pode ser observado no recorte do manuscrito:

Figura 2 - Estado do manuscrito escolar “A princesa e a pedra encantada”



Fonte: Banco de dados do Laboratório do Manuscrito Escolar

No próximo Texto Dialogal apresentaremos outro exemplo que reforça a importância de entendermos o papel da repetição e da entonação no processo de escrita, visto que em todos os casos em que houve este tipo de fenômeno constatamos o surgimento de rasuras orais. O TD a seguir foi retirado da história “O guarda roupa mágico”.

TD_ 8º processo (manuscrito “O guarda roupa mágico”) – 02/04/92

186 NARA: "- Mas deixa eu te falar agora. Tinha... um menino encontrô uma caverna. O primeiro menino entrou. O segundo menino também... sabe por quê? Porque tinha duas entradas a caverna."

187 ISABEL: "- Tá. Então vamô fazê assim. Os dois meninos... é... ãhn... enxergaram uma caverna. E um..."

188 NARA: "- ...com duas... com dois buracos..."

189 ISABEL: "- É. **Com duas portas.** (RIEM.)"

190 NARA: "- (RINDO.) ...tem porta?.."

200 ISABEL: "- ...com dois buracos. E um entrou num e outro entrou noutro."

201 NARA: "- É..."

202 ISABEL: "- Tá..."

No presente TD, em que Nara é a responsável por escrever a história, observamos que, assim como no primeiro TD, o OT é de ordem semântica e incide sobre a substituição da palavra buraco por porta. Mais uma vez a imprevisibilidade da palavra gera um estranhamento em Nara, que logo questiona Isabel: "*tem porta?*". Diferente do primeiro TD, em que Isabel reflete sobre a palavra "solitária", enunciando que "solitária" significa "sozinha", o que não tem relação com o sentido da história que elas estavam escrevendo. Neste caso, mesmo sendo um OT de ordem semântica, não há uma reflexividade sobre a palavra enunciada, de modo que a interferência de Nara faz com que, de imediato, Isabel corrija seu equívoco ao dizer que caverna tem porta.

Assim, ao indagar "*tem porta?*", Nara faz com que Isabel se corrija sem necessitar de um diálogo extenso. De acordo com Bakhtin (201, p. 291), isso ocorre porque "não enfiamos as palavras, não vamos de uma palavra a outra mas é como se completássemos com as devidas palavras a tonalidade". Assim, o tom dado por Nara à palavra antes proferida por Isabel, faz com que a mesma rasure o que havia dito e substitua o termo, sem a necessidade de um grande desprendimento, fazendo com que a discussão tenha continuidade, flua naturalmente.

É interessante destacarmos que em todos os TD analisados há sempre a repetição, seja de uma palavra ou frase completa, o que poderia nos levar a dizer que a repetição é o ponto chave no funcionamento desse tipo de rasura oral. Porém, essa afirmação não tem como ser legitimada, pois sem a entonação, as repetições se tornariam tautológicas, é a entonação

que possibilita o locutor expressar seu posicionamento, discordância, entre outros sentimentos ou emoções. A repetição, neste caso, age como intensificador, uma vez que o retorno de suas próprias palavras melodicamente alteradas gera no locutor a necessidade de um posicionamento frente à tensão que foi instaurada no aqui e agora. Assim, observamos que em todos os TD não há um grande desprendimento, de modo que as alunas não gastam muito tempo tentando resolver o impasse, o que é uma característica da rasura oral que abordamos neste trabalho: a rapidez com o pagamento é realizado e as alunas seguem o curso da discussão. Esta questão merece destaque porque em outras formas de identificação de rasura oral, os alunos levam vários turnos para poder solucionar o “problema” e continuar a história.

Em se tratando das repetições das palavras, vale ressaltar que em todos os casos foram identificadas heterorrepetições, como denomina Marcuschi (2015), ainda de acordo com o autor, este tipo de repetição ocorre com menos frequência durante as conversações, sendo as autorrepetições mais comuns. Este fato pode nos servir de pista para compreendermos melhor o funcionamento da rasura oral em questão, uma vez que ao repetir as palavras do outro, aumenta as chances de provocar nele um posicionamento. No próximo, e último TD, podemos mostrar novamente a ocorrência deste fenômeno.

TD_ 14º processo (manuscrito “A mãe má”) - 17/08/92

294 NARA: "- ...daí ela falou você **vai andá as duas horas** ou vai ficá de castigo."

295 ISABEL:"- Vai andá duas horas?"

296 NARA:"- Vai corre duas horas... vai... ela ia tê que corre."

297 ISABEL:"- Não. Ela vai andá e depois que ela fala corrê... prá fica bem rápido. Tá bom? Ela fala... mas... é... mas como que eu vô fala... Ah! assim... Não não e não... você vai tê que..."

298 NARA: "- ...ah! isso que eu não sei..."

Como pode ser observado, o OT destacado é, mais uma vez, de ordem semântica. Porém este TD apresenta uma peculiaridade em relação aos outros TD, pois como podemos ver, a partir da indagação de Isabel, no turno 295, Nara automaticamente apaga o que havia dito e substitui “andar” por “correr”, no turno 296. Assim, visto que a história gira em torno de uma menina que tem uma mãe má, e um dia a menina se atrasou para ir à escola e a mãe negou-lhe uma carona, e ainda a ameaçou dizendo que ela ou iria a pé ou ficaria de castigo. Desse modo, se a menina estava atrasada e a mãe não iria lhe ajudar, dando-lhe uma carona,

ela precisaria correr para chegar até a escola, pois só andar não era o bastante na situação em questão³².

O que diferencia este TD dos demais é que mesmo ocorrendo a rasura, a palavra “andar” volta para a discussão no turno 297 e acaba sendo inscrita no papel, ademais a palavra “correr” não entra no texto, como mostra a transcrição do manuscrito:

a mãe má

~~era~~ Era uma vez uma mãe muito ma. e ela
era muito má com sua filia ~~um~~ i um dia
~~x a~~ ~~ela~~ filia estava atrasada para ~~ise~~ escola i pediu
para a mãe má que levase ela para
escola ~~não~~ e a mãe má ~~x falou~~ falou não não e ~~m~~ não
you vai ter que andar 2 ~~H~~ horas horas ou vai
ficar de castigo a mãe má ~~falou~~ falou. e ela
foi andando 2 ~~horas~~ horas e chegou na escola
e o portão estava fechado andou 2 horas
e ~~vø~~ voutou ~~p para~~ para casa dai a mãe falou e claro
era pra ir corendo va para o
castigo e a filha ficou muito triste que tinha uma mãe
má

pai	mãe	filho
fim	fim	fim

Embora, como já foi mencionado, automaticamente Nara tenha rasurado o que havia explicitado, Isabel resolve retomar a palavra “andar” e a inserir no contexto da história, ficando evidente que a aluna não tinha o interesse de excluir a palavra: “*Não. Ela vai andá e depois que ela fala corrê... prá fica bem rápido. Tá bom?*”. Desse modo, talvez Isabel tenha usado a entonação com a intenção de confirmar o que Nara havia dito, porém a aluna não compreendeu dessa forma. Assim, observamos que nem sempre a melodia utilizada pelo

³² Optamos por explicar o contexto da história em vez de colocar parte do diálogo, o TD, porque há discussões paralelas das alunas que poderiam dificultar o entendimento do leitor.

falante corrobora com o que ele deseja expressar, o ato enunciativo está sempre sujeito a interpretações.

Em se tratando de rasura, é interessante acrescentar que, seja gráfica ou oral, ela é um elemento que faz parte do processo de escritura, não podendo ser interpretada de forma negativa. Além disso, uma vez rasurada, não significa que a palavra não possa voltar a entrar em cena. Como apontam Calil (2008; 2012) e Felipeto (2008), embora a rasura, ao longo do tempo, seja associada a erro, isso não significa que o aluno só rasure o que não é correto. A rasura além de tudo deixa transparecer as tensões presentes no ato de escritura, representa as incertezas, as falhas, as hesitações comuns ao complexo ato de escritura.

A partir dos TD apresentados, podemos compreender que, de fato, a rasura oral que investigamos é fruto da união entre heterorrepetições e a entonação expressiva. Seguindo o pensamento de Marcuschi (2015), trata-se de uma entonação expressiva com base na repetição, em que o falante faz uso desses elementos com a intenção de demonstrar seu posicionamento em relação ao que foi enunciado. Assim, a rasura oral surge a partir da repetição e da entonação, de forma que um elemento exige a presença do outro, como pode ser evidenciado nos TD apresentados ao longo do trabalho.

É interessante acrescentar que só conseguimos constatar essa questão através da captura em tempo real dos processos, sem esse material jamais conseguiríamos falar de rasura oral e, ao mesmo tempo, investigar seu funcionamento. Aqui, as relações que se estabelecem durante o ato enunciativo são evidenciadas, a alteridade ganha destaque, uma vez que uma aluna depende da outra, o *eu* (individual) só existe através do contato com o outro, neste caso, a parceira de colaboração. Assim, é pela existência de um *eu* e de um *tu* no discurso que podemos constatar os fenômenos que estão presentes no ato de escrever a dois um único texto, em que escrita e diálogo ocorrem no mesmo espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar à finalização de um trabalho, esperamos que todas as perguntas, que antes nos inquietavam, sejam cessadas. Evidentemente, para um pesquisador isto não ocorre. Um trabalho nunca está acabado, sempre existirá a “falta de...”, o que torna a pesquisa intrigante, enigmática e sedutora, uma vez que nunca sabemos (com antecedência) onde ela nos levará. O que podemos fazer é mostrar o que desvendamos até o momento e apontar que ainda existe muito a ser desbravado, principalmente quando se trata de processo de escritura. Ainda há muito que ser feito...

Durante nosso trabalho, buscamos mostrar, através de uma metodologia específica de coleta de dados, que o processo de escritura carrega consigo uma série de fenômenos e especificidades que merecem atenção. Entre esses fenômenos, debruçamo-nos sobre a rasura oral e seu funcionamento, quando duas alunas recém-alfabetizadas escrevem conjuntamente um único texto. Para tanto, procuramos refúgio no aporte teórico de duas grandes áreas do conhecimento: Linguística da Enunciação e Genética Textual. A primeira nos possibilita entender as relações estabelecidas durante a instauração do ato enunciativo. A segunda nos aponta discussões interessantes acerca da gênese do texto, apresentando-nos os conceitos de rasura e manuscrito, elementos imprescindíveis para a nossa investigação. Também, recorreremos aos aportes teóricos sobre repetição, por ser um elemento recorrente nos TD que analisamos, e aos estudos sobre a entonação, por ser responsável por alterar a melodia das palavras, fazendo com que, aquilo que parece ser igual (do ponto de vista lexical), seja diferente aos ouvidos do falante.

Todo o percurso teórico que realizamos contribuiu para compreendermos o funcionamento da rasura oral, fenômeno central da nossa pesquisa. Assim, ao longo do trabalho, observamos que é na instância do discurso que a rasura oral entra em ação, ela ocorre porque durante todo processo há uma relação *eu-tu*, que se evidencia através das sobreposições de ideias, indagações, argumentações, incertezas, dúvidas, entre outras, explicitadas pelas alunas no momento de composição do texto. Desse modo, o espaço e o tempo se destacam, pois a rasura oral ocorre no aqui e agora, no momento da enunciação.

Sendo assim, observar como a união entre repetição e entonação pode gerar tensões durante as discussões, no texto em curso, e como essas tensões repercutem em apagamentos ao longo do processo, é um passo importante para compreender esse fenômeno. De acordo com Calil (2016, p. 549), “do ponto de vista da genética textual, a rasura

comentada é um fenômeno coenunciativo relacionado ao processo de escrita colaborativa de um único texto. Em nosso caso, esse fenômeno caracteriza-se através de sua tripla natureza semiótica”. Como nos aponta Calil (2016), a primeira natureza está relacionada à oralidade, uma vez que os alunos estão envolvidos em uma situação ecológica, em que podemos observar, além do diálogo, os movimentos que eles realizam, possibilitando o acesso ao que eles estão pensando acerca do objeto textual do texto em curso. Portanto, essa natureza oral nos permite observar as tensões que são geradas através da união entre repetição e entonação nos enunciados, além disso, como tais enunciados podem causar apagamentos no manuscrito em curso, repercutindo na mudança do percurso do texto.

Este fato está intimamente relacionado com a segunda natureza apresentada por Calil (2016), a condição de produção textual. É através da metodologia que utilizamos para a coleta dos dados que temos acesso e podemos investigar a rasura oral (e outros fenômenos envolvidos no ato de escrever), uma vez que todo o processo é capturado em tempo real, dando-nos a oportunidade de observar o que os alunos falam no momento da discussão e o que, de fato, vai para a folha de papel. No processo referente à história “A princesa e a pedra encantada”, por exemplo, tivemos a oportunidade de evidenciar essa questão, uma vez que o que foi falado por Nara para ser inscrito no papel não foi assegurado devido à intervenção de Isabel. Assim, a primeira proposta de iniciar o texto com “*era uma vez um dia muito bonito*” foi substituída por “*era uma vez um príncipe e uma princesa*”. De modo que no manuscrito final não ficou marcas da primeira proposta. Assim, se não tivéssemos acesso à captura de todo o processo, não teríamos a oportunidade de evidenciar este fato e, muito menos, poderíamos constatar que a tensão foi gerada quando Isabel trouxe à tona as mesmas palavras de Nara, alteradas melodicamente, para demonstrar seu desacordo e gerar na parceira um posicionamento.

Em relação à terceira natureza, Calil (2016) afirma que esta está relacionada ao manuscrito, que é a consequência de todo o processo de escritura. Portanto, nas palavras do autor:

A interface que vincula estas três dimensões (oral, visual e escritural) caracteriza nosso objeto de estudo e é material essencial para identificarmos justamente o que apenas a configuração final do manuscrito ou a marcação das pausas decorridas ao longo do processo não permitem observar (CALIL, 2016, p. 549).

São essas dimensões que nos permitem discutir sobre o funcionamento da rasura oral a partir da repetição e da entonação, uma vez que estes dois elementos fazem parte da oralidade.

No decorrer da discussão, observamos que a repetição é um elemento que está presente em todos os TD apresentados, seja de uma palavra ou de uma frase inteira. Porém, ela só existe do ponto de vista lexical, pois quando o aluno repete, ele deixa transparecer uma intenção, que é demarcada pela entonação em sua função expressiva. Por este motivo, não há repetibilidade no discurso, como nos aponta Silva (2007), pois o momento é sempre outro, único. Portanto, o que é repetido tem sempre um significado diferente, o que possibilita que seja gerado no sujeito um efeito, no caso do nosso trabalho, uma rasura. Assim, não podemos admitir a repetição lexical sem a entonação, uma está condicionada a outra quando nos referimos ao surgimento das rasuras orais. Dificilmente, estes elementos isolados provocariam os mesmos efeitos nas alunas, como observamos nos TD. No que se refere às repetições identificadas, tratam-se de heterorrepetições (MARCUSCHI, 2015), pois a aluna repete a palavra da parceira e não a dela mesma. Como podemos observar no processo da história “Os três todinhos e a dona sabor”, por exemplo, em que Nara repete a palavra antes proferida por Isabel:

TD_ 6º processo (manuscrito “Os três todinhos e a dona sabor”) – 28/11/91

425 ISABEL: (ESCREVENDO.) "- ...a mãe... a mãe... (FLEXIONANDO A VOZ.) tava tãõ solitária..."

426 NARA: "- Solitária??"

427 ISABEL: "- Não. tava... tava... solitária quer dizer sozinha então não tem nada a ver. (ESCREVENDO.) tava... tava... tão triste que os filhos dela só falavam..."

Este processo também nos ajuda a discutir sobre a importância da escrita colaborativa, pois podemos dizer que se trata de um método que, sendo bem estruturado, pode ser eficaz, sobretudo no que se refere à situação interativa que ela proporciona. No TD apresentado, Nara identifica de imediato a imprevisibilidade da palavra “solitária” e indaga Isabel, gerando na parceira uma reflexividade sobre a utilização do termo e o sentido que elas pretendiam dar a história. Assim, o parceiro tem um papel importante durante a escritura, pois juntos os alunos podem tirar dúvidas, trocar ideias, desenvolver habilidades argumentativas, etc. Além disso, a escrita colaborativa faz parte da nossa metodologia, sem ela não

poderíamos observar o que os alunos estão pensando sobre os objetos textuais, tampouco perceberíamos as ideias, o processo de criação, os argumentos, entre outros aspectos que não podem ser evidenciados em uma escrita individual.

Assim, investigar a rasura oral é uma tarefa importante e contribui significativamente para os estudos do processo de escritura, sobretudo, para aqueles que se interessam pela gênese do texto, de acordo com Calil (2016), a rasura oral revela a origem da criação, através dela podemos observar o que os alunos estão pensando sobre o que estão escrevendo. Desse modo, nosso estudo também demonstra que o processo de escritura é complexo e merece atenção, uma vez que, por si só, o produto final não é capaz de dar conta das dúvidas, dos questionamentos dos alunos durante a escritura. Além disso, os estudos que se dedicam a investigar o processo podem contribuir significativamente para aprendizagem da produção textual em sala de aula.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes. **Gramática metódica da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1985
- BABISAN, Leci Borges; FLORES, Valdir do Nascimento. A enunciação em perspectiva. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 44, n 1, p. 5-8, jan./mar. 2009.
- BARBOSA, Plínio A. Prosódia: uma entrevista com Plínio A. Barbosa. *ReVEL*, v. 8, n. 15, 2010.
- BARBOSA, Plínio A. **Conhecendo melhor a prosódia**: aspectos teóricos e metodológicos daquilo que molda nossa enunciação. *Rev. Est. Lig.*, Belo Horizonte. v. 20, n 1, p. 11-27, jan./jun. 2012.
- BIASI, Pierre-Marc de. **Análise dos manuscritos**: princípios e métodos. In: BIASI, Pierre-Marc de. *A genética dos textos*. Tradução Marie-Hélène Paret Passos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da criação verbal*. 6ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. 3ª ed. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1991.
- _____. **Problemas de Linguística II**. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- BARBEIRO, Luís Felipe. **Episódios ortográficos na escrita colaborativa**. XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa: APL, 2007, pp. 111-125.
- BARBEIRO, Luís Felipe; PEREIRA, Luísa Alves. **O ensino da escrita**: a dimensão textual. Ministério da Educação: Lisboa, 2007.
- BERLO, David K. **O processo da comunicação**: introdução à teoria e à prática. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Prosódia**: algumas funções dos supra-segmentos. *Cadernos de estudos linguísticos*, 2012. n. 23, jun/dez. 1992. Disponível em: iel.unicamp.br. Acesso em: 20 de fev. 2013.
- CALIL, Eduardo. **Autoria**: a criança e a escrita de histórias inventadas. Londrina: Eduel, 1998.
- _____. **Escutar o invisível**: escrita e poesia na sala de aula. São Paulo: UNESP, 2008.

_____. **Rasuras orais em madrastra e as duas irmãs:** processo de escritura de uma díade recém-alfabetizada. Educação e Pesquisa (online). vol. 38, n 3, jul/set. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v38n3/aop389.pdf>

_____. **O sentido das palavras e como eles se relacionam com o texto em curso:** estudo sobre comentários semânticos feitos por uma díade de alunas de 7 anos de idade. Alfa. São Paulo. vol. 60, n 3. pp 531-555, 2012.

CALIL, Eduardo ; SANTOS, Janayna Paula Lima de Souza. **Escrita colaborativa em sala de aula:** um estudo sobre as rasuras orais na criação de contos etiológicos. XVII Congresso Internacional Asociación de Linguística y Filología de América Latina (ALFAL). João Pessoa: Paraíba, 2014. Disponível em: <http://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0801-1.pdf>. Acesso em: 10 de set. 2014.

COUPER-KUHLEN, E. **An Introduction to English Prosody.** London: Edward Arnold, 1986

FELIPETO, Cristina. OLIVEIRA, Eduardo Calil. **Rasuras e operações metalinguísticas:** problematizações e avanços teóricos. Cad.Est.Ling., Campinas, (39): 95-110, Jul./Dez. 2000

FELIPETO, Sônia Cristina Simões. **Rasura e equívoco no processo de escrita em sala de aula.** Londrina: Eduel, 2008.

_____. **Sobre o que incidem as rasuras quando alunos escrevem a dois um único texto?** Questões em torno da rasura, do manuscrito e da interação. In: Seminário do Gel, 58. 2010. São Carlos (SP): Gel, 2010. Disponível em: <http://www.gel.org.br/?resumo=6354-10>. Acesso em 20 de fev. 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento. **A enunciação e os níveis da análise linguística.** SITED. Porto Alegre, p.396-402, set. 2010.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste.** 1ed. São Paulo: Parábola, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEXEIRA, Marlene. **Introdução à linguística da enunciação.** 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

GRÉSILLON, Almuth. **Elementos de crítica genética:** ler os manuscritos modernos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

KOCH, Ingedore Villaça. **A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual.** In. KOCH, Ingedore V. (Org.) Gramática do Português Falado. Desenvolvimentos. Vol. VI. 2ª ed. São Paulo: UNICAMP, 2002.

LEAL, Telma Ferraz & LUZ, Patrícia Santos. **Produção de textos narrativos em pares:** reflexões sobre o processo de interação. Educação e Pesquisa (online). vol. 27, n1, jan/jun.

2001. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/1010t.PDF>. Acesso em: 20 de fev. 2013.

LEROY, Christine. **Intonation et syntaxe chez l'enfant français à partir de dix-huit mois**. In: langue française, n 27, 1975. A parition de la syntaxe chez l'enfant. pp. 24-37.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Repetição**. In: JUBRAN, Clélia Cândida A. Spinardi; KOCH, Ingedore G. Villaça (Org.). Gramática do português falado no Brasil: construção do texto falado. São Paulo: contexto, 2015, v.1. p. 207 – 240.

MORAES, João Antônio. **Em torno da entoação**: alguns problemas teóricos. *Cultura Lingüística*, n. 1, p. 63-78, 1982.

MURRAY, Denise E. **Collaborative writing as a literacy event**: implications for ESL instruction. In: David Nunan (ed.): Collaborative Language Learning and Teaching. Cambridge: CUP, 1992.

PAIXÃO, Vivian Borges. **A prosódia das interrogativas totais na fala carioca**: fala espontânea *versus* leitura. 2014. 143f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras da UFRJ. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PRIMO, Alex. **Interação mútua e reativa**: uma proposta de estudo. Revista da Famecos, n. 12, p. 81-92, jun. 2000. Disponível em: http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/int_mutua_reativa.pdf. Acesso em: 04 de agosto de 2016.

RAMOS, Jania Martins. **Hipóteses para uma taxonomia das repetições no estilo falado**. 1983. 147f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras da UFMG. Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.

SALLES, Cecília Almeida. **Crítica Genética**: fundamento dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística. 3 ed. São Paulo: EDUC, 2008.

SILVA, Carmem Luci da Costa. **A instauração da criança na linguagem**: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem. 2007. 293f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras da UFRS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

TANNEN, Deborah. **Talking voices**: repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse. 2 ed. Cambridge University Press, 2007.

WATZLAWICK, Paul, BEAVIN, Janet Helmick e JACKSON, Don D. **Pragmática da comunicação humana**. São Paulo: Cultrix, 1993.

WILLEMART, Philippe. **Do manuscrito ao pensamento pela rasura**. Revista Manuscrita, n 7, p 21-35, 1995. Disponível em: <file:///C:/Users/MIRIAN/Downloads/880-2208-1-PB.pdf>. Acesso em: 20 de setembro de 2016.

WILLEMART, Philippe. **Universo da Criação Literária:** crítica genética, crítica pós-moderna? São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.